THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ9261
Book .A753P6

2195
4298

POESIAS

DE

JOSÉ IGNACIO DE ARAUJO

EDITOR

J. F.

LISBOA

1862

PQ9261
.A753P6

887270
'29

TYP. DE JOSÉ DA COSTA NASCIMENTO CRUZ,
Calçada do Collegio n.° 6.

MUSEU DA CIDADE

CAVACO AO LEITOR

Ora lá vae ao mundo dar massada
A minha pobre alegre versalhada,
Sem engenho, sem arte, ou sons amenos,
Que o leitor entretenham mais ou menos.
Ides soffrer, de certo, pobres versos,
Da critica mordaz golpes diversos,
Mas tende, coitados, paciencia;
E sabei que altos homens da sciencia,
Talentos d'assombrar, esclarecidos,
De tal *bicha* mil vezes são mordidos,
E levam dos parceiros grande tosa,
Umas vezes em verso, outras em prosa.

Já cuido ouvir dizer: « tu és pateta,
« Porque, sabendo a sorte do poeta,
« Sobre tudo, fazendo versos máus,
« Te vaes expor a mil duros quináus.
Assim é; mas não fico descontente,
Pois, sendo apoquentada muita gente
Por causa do poetico delirio,
Heide ter companhia no martyrio,
Heide ser nos meus males consolado
Por quem tambem tiver egual peccado.

Ahi vão os meus versos, ó leitores,
E, se acaso os julgardes massadores,
Não me deis uma pena muito dura
Pelo tempo perdido na leitura;
Dae-me alguma desculpa, se poderdes,
Ou antes ensinae-me, se souberdes.

SONETO

Feito por occasião de se publicarem os meus primeiros versos

—

Lá vão meus versos d'esta vez ao prélo,
Em tempos em que n'isso o prélo abunda;
E, temendo levar alguma tunda,
Começa a arrepiar-se-me o cabello:

N'elles nada o leitor achará bello,
O que sei confessar com dôr profunda;
Mas alguem me dirá: « em que se funda
Essa tua mania? — Eu vou dizel-o.

Ha quem diga que um *vate* sou soffrivel;
Talvez seja indulgencia, ou seja engano,
Que a censura d'amigos é fallivel:

De alcançar altos loiros não me ufano,
Porém só quero vêr se me é possivel
Colhêr um proveitoso desengano.

SONETO

Ao editor destes versos

—

Desgraçado de ti! pobre Fontana,
Editor de meus versos sem *doçuras;*
Deus te dê, caro amigo, assignaturas
Senão dás co'os teus *fundos* em pantana!

Não sei pintar paixões d'amor, que engana
Com suas agradaveis diabruras,
Não finjo refinadas mil ternuras,
Nem suspiro *sem dôr*, feito banana!

Ora já vês, amigo, que as donzellas,
Que por *vates d'assucar* morrem todas
Dirão que sou cantor de bagatellas!

Procura assignaturas n'outras rodas,
E diz da minha parte ás damas bellas
Que eu em versos não sei seguir as modas.

SONETO

Á uma menina que n'uma carta amorosa dizia ao seu amante: « ardo por ti »

—

Toque-se a fogo já, venham as bombas
Guiadas por intrepidos bombeiros,
Acudam de Lisboa os aguadeiros,
Heroes de forte braço e patas rombas!

Acudam á pequena, que p'las trombas
O fumo já lhe sae de mil brazeiros!...
Acudam, deitem agua, mui ligeiros,
N'este peito, que causa inveja ás pombas!

Apague-se este incendio feio e vasto,
Pois causa cruel dôr e negra magua
Vêr dama tão gentil, de chammas pasto!

Bombeiros! extinguir a horrivel fragua!...
Para salvar da morte um peito casto,
Se for preciso, esgote-se a mãe d'agua.

SONETO

—

Eu gósto do macaco a mais não ser;
Se disserem que em gôsto pobre sou,
Posso dizer que em meu direito estou,
E que posso gostar do que quizer:

Quiz o macaco do homem aprender
A andar só em dois pés, e o imitou;
Homem que o ser palhaço lhe agradou,
O macaco por mestre só quiz ter:

Finge o homem macaco, entra a pular;
O mono uma casaca vae vestir,
E parece um doutor, mui sério a andar;

Comtudo, não se podem confundir,
Que homem feito macaco faz chorar,
E macaco feito homem nos faz rir.

SONETO

—

Menina, sois amavel com um gato,
Que, na verdade, é mui lindo bichano;
Porém com féro peito, deshumano
Um amante offendeis jámais ingrato:

Daes ao bicho a lamber o vosso prato,
A' meza o quereis vêr, senão me engano;
Eu desejo um agrado, um riso humano,
E nem isso me daes, que é tão barato!

O gato vos faz mil ternas festinhas;
Adoro-vos. . . mas vejo que escutaes
As finezas do gato, e não as minhas!

Sou o mais desditoso entre os mortaes
Porque tenho um rival, que come espinhas,
E valem seus *miáus* mais que os meus ais!

SONETO

A uma senhora, que dizia gostar de meus versos

—

Senhora, se é verdade que gostaes
De meus singellos versos sem primor,
Tómo penna e papel, e, com ardor,
Só por vos agradar, escrevo mais:

Sois, de certo, a primeira, que animaes
Este chulo e mesquinho trovador,
Que para agradecer um tal favor
Gastará de papel alguns quintaes:

De ás damas agradar chegou-me a vez;
Um poeta vou ser muito feliz,
Pois sereis minha musa, D. Ignez:

Vossas maneiras cantarei gentis,
Lindos braços roliços, mãos e pés.
Olhos, bocca, madeixas e nariz.

SONETO

Tragico

—

Cruel! feroz! perjura! impia Bernarda,
Que zombaste dos meus extremos ternos!
Que me fizeste arder em mil infernos!
Que me déste a tragar fel e mostarda!

Fera a minha vingança pouco tarda!
Tardará, quando muito, dois invernos!...
Dar-te tormentos mil não posso eternos,
Mas heide-te frigir como uma sarda!

Sim! não penses, perversa, que se zomba
De quem, por seu valor e audacia summa,
Póde ser capataz de qualquer bomba!

Vingança! o peito meu de raiva fuma!...
Vou matar-te!... e depois, de ponta romba,
Cravo em meu coração uma verruma!

SONETO

No album d'uma senhora

—

Oh! que album tão bonito! E' bem doirado
Este enfeite da capa!... Com certeza,
Vossa Excellencia fez grande despeza
Comprando este primor tão delicado!

Bravo! como elle está bem recheado
De poesias de toda a natureza!...
Até encontro uma, que é franceza:
— O auctor é portuguez afrancezado?

Deixe-me folhear. — Quadras, quintilhas ..
Decimas e oitavas... e um terceto
Feito por um poeta lá das ilhas:

A ornar-lhe o album não me comprometto,
Mas consinta entre tantas maravilhas
Tambem tenha logar um máu soneto.

SONETO

—

A Lisboa chegou Monsieur fulano,
Que é de Paris o chimico mais bello;
Traz pomada que faz nascer cabello,
Sem da cabeça ao casco causar damno:

Tem percorrido a Europa ha mais d'um anno,
Prestando á humanidade o seu desvello,
E a mais de cem mil calvas dando pello
Tão duro como as crinas d'um garrano.

Leu este annuncio um padre *ajanotado*,
E correu a comprar uma caneca
Cheia do elixir elogiado:

Foi á loja indicada o tal padreca;
Entra... porém ficou desapontado
Quando viu que o francez era careca.

SONETO

—

Uma velha, versada em nigromancia,
Extrae mago licor d'um negro ouriço,
E, co'elle ungindo a fronte ao meu toutiço,
Diz que ao Parnaso subirei com ancia.

Nunca pensei subir a egual distancia!...
Não quero acreditar no tal feitiço;
Mas em breve, fervendo em reboliço,
Sinto na mente idéas d'importancia!...

Já canto, erguendo a voz valente e audaz...
Meus versos teem de mestre insignes toques,
Mas causam arrepios...roubam paz!...

Pinto demonios manejando estoques!...
Sou poeta inspirado em coisas más,
Por artes de berliques e berloques.

SONETO

A um que pedia versos para a namorada

—

Ora vossê tem coisas, sô fulano!...
Pois quer que eu faça versos á donzella?!
Que tal! Faça-os vossê, se gosta d'ella,
Antes que a fazer um lhe leve um anno.

Vem bater a má porta, por engano,
E esbarra co'os narizes na cancella:
Se quer mimosear a sua bella
Mande-lhe antes um leque...ou um abano;

Compre-lhe algum pausinho de pomada,
Fitas, cassas, filós, saias balões,
Luvas, rendas, setins, seda lavrada.

E, se quer da menina as affeições,
Saiba que versos não alcançam nada,
São anzoes que não pescam corações.

SONETO

—

Se vires n'uma sala um janotinha
Cheirando a mil perfumes e pomadas,
Calçando finas botas apuradas,
Vestindo acatitada casaquinha;

Dizendo muita e muita asneirasinha
A's bellas pequerruchas engraçadas,
E, já com as perninhas estafadas,
Na dança proseguir qual ventuinha;

Se vires, digo, alguem em tal folia,
Andando em corropio, nem que fosse
Um doido com pancada a mais bravia;

Não indagues que sina alli o trouxe,
Mas parte-lhe a cabeça, onde ha mania,
Se miolos lhe achares dou-te um doce.

SONETO

Pedindo um mote

—

Vou pedir-lhe uma coisa. . . mas não trema,
Não pense que o pedido é de dinheiro;
Se hoje para o *massar* sáio a terreiro,
A bondade, que tem, faz que eu não tema.

Não procuro fazer nenhum poema,
Que não vejo d'Apollo alto luzeiro;
E tornarem paradas de sendeiro
Partidas de leão — é mau systema;

Apenas d'esta vez a musa minha
Lhe vem pedir um *mote* — a coisa é pouca,
E póde-se mui bem chamar coisinha;

Ouvirá minha voz sem graça, e rouca,
E, se achar que ella é má para visinha,
Pegue n'um pão de ló, tape-me a bocca.

SONETO

—

Vem o homem á luz, e chora logo
Entre as mãos da parteira; depois cresce,
E para o mestre vae, que as mãos lhe aquece,
E só tem o chorar por desafogo:

Depois chora o vintem, que perde ao jogo,
Mais tarde, por quem alma lhe enlouquece;
E, se o peito da bella se arrefece,
Chora-lhe o coração, ardendo em fogo:

Chora quando padece dôr de dentes,
Quando encontra cotão só n'algibeira,
E quando perde amigos, e parentes:

Chora vendo um doutor á cabeceira,
Chora por soffrer mil dôres diff'rentes, . .
Ora sebo p'ra tanta choradeira.

SONETO

—

Andar pelos bilhares noite e dia,
Sem um momento só largar o taco;
Fumar mui grosso rôlo de tabaco,
Que deita peior cheiro que mar'sia;

Ir á noite a S. Carlos, por folia
Mostrar o pouco peso do seu caco;
Fazer dar aos actores o cavaco
Com troça, pateada e gritaria;

Namorar só por ter divertimento,
E das bellas depois fazer chacota,
Sempre com sem egual descaramento;

Na estroinice saber dar az e sota,
Ter a cabeça cheia só de vento;
Eis-aqui o que é ser um bom janota.

*

SONETO

—

Um sujeito, que a mil tinha pregado,
Com descaro sem par, muito calote,
Para ter no theatro camarote,
Ter cavallo, carrinho, e seu criado,

Encontrou um amigo, homem honrado,
D'esses que nada teem, que se lhes note,
E, depois de conversa de bom lote,
Este sério lhe diz, e mui pausado:

« Tendo tu de credores um milheiro,
« Pasmo d'essa alegria, e bellas côres,
« Pasmo ao ver-te dormir um somno inteiro.

— Guarda o pasmo p'ra coisas sup'riores,
Pois só me admira (diz o caloteiro)
Como podem dormir os meus credores.

SONETO

—

Donzella, o meu amor chega a loucura;
Se te causam meus versos desagrado,
E' que não ando muito acostumado
A afinar bem as cordas da ternura:

Se alguem altas paixões te pinta e jura
N'um estylo sublime, apaixonado,
E' que em fingil-as anda mui versado,
Pois outro passatempo não procura:

Bem vejo que em canções sou um patola,
Mas devo ter desculpa, pois começo
Na irmandade d'Amor a ser carola:

Que me mostres teus olhos só te peço,
Pois sua doce voz que me consola,
E' capaz de dar tom a um *estro gueço.*

SONETO

—

Empunha essa navalha, mestre Antonio,
Que tem rapado já duros cabellos,
Deita abaixo depressa os loiros pellos
De quem quer contrahir o matrimonio;

Limpa a cara roliça ao terno Jonio,
Que o verás ser inveja dos mais bellos,
E fazer a ditosa arder em zelos,
Temendo tentações d'algum demonio:

Vamos, mestre barbeiro, diligente,
Põe-lhe sabão de cheiro superfino,
Que, de certo, o rapaz paga a patente;

Depois, julgando-se homem já de tino,
Dirá ao pae da bella em tom contente:
Eu já posso casar — não sou menino.

SONETO

—

Valente gatarrão de rabo alçado,
E' por ti que na lyra agora *arranho*,
Pois tens, de teu *officio* em desempenho,
Gigantes ratazanas derrotado:

A grandes cães de fila, e cães de gado
Não viras teu focinho d'arreganho;
Muitos fugido teem do teu gadanho
Com o rabo entre as pernas entalado:

Deves ser acclamado rei dos gatos,
E trazer no pescoço uma colleira,
Mas sem guiso — que fôra annuncio aos ratos:

E's um *bicho* estimavel de maneira,
Que mereces comer em limpos pratos
O melhor que se encontra na ribeira.

SONETO

—

Por piedade, senhor estudioso ! . . .
Suspenda, ao menos, por um só instante ! . . .
Cale a sua rebeca horripilante,
E que vem contender co'o meu nervoso ! . . .

Olhe que isso é de mais ! é ser teimoso
Além de flagellar seu similhante ! . . .
E' commetter um crime revoltante ! . . .
Crime de *lesa-ouvidos* horroroso ! . . .

Já não posso soffrer seus desatinos ;
E fujo com meu pello todo hirsuto
Da musica ao maior dos assassinos ! . . .

Fujo d'um tocador cruel, e bruto,
Pois antes por um anno ouvir mil sinos,
Que ouvir essa rebeca um só minuto.

SONETO

—

Meu ginja, o grão valor em ti nos provas
Das settas, que dispara o deus fedelho,
Pois que n'esse teu peito duro, e velho
Podem abrir tão fundas chagas novas:

Vaes cantando d'amor convulsas trovas,
E, sem qu'rer de ninguem ouvir conselho,
Vergando ao peso d'annos o joelho,
Crês que na dança alegre te renovas:

Ver meninas é todo o teu recreio,
O teu emprego é só *fazer tijolo*,
Mostrando esse carão mirrado e feio:

Precisas de gebada, velho tôlo,
Pois, se mostras d'amor o peito cheio,
Vasio tens o caco de miôlo.

SONETO

—

Que uma dama besunte com pomada
O cabello grisalho, a cara velha,
Que tinja muito bem a sobrancelha,
E até mesmo o chinó, se fôr pellada;

Que uma gentil donzella perfumada
Traga em diversos cheiros a guedelha,
Ou que nas faces ponha côr vermelha
Por crer que d'esta sorte mais agrada;

Que a menina de pouca formosura
Pinte a cara, o cabello, com sentido
De ver se assim alcança o que procura;

Desculpa-se; — mas homem entretido
Com estas ninharias não se atura,
E deve-se mandar para o *Polido*.

SONETO

—

N'uma tasca dois bebados pançudos,
Tendo em frente de vinho largos copos,
Usando muitas vezes lindos tropos,
Fallavam como quem tem bons estudos:

Politicos não eram façanhudos,
Nem tinham naufragado em taes cachopos;
Discorriam sómente estes *Esopos*
A'cerca d'amizade, mui sizudos.

Um dizia, por fim: « é grande amigo
« Aquelle que se expõe á cacheirada
« Para livre me ver d'algum perigo! »

Diz o outro, dando ao copo uma avançada:
« Pois olhe, mestre *Zé*, sabe o que eu digo?...
« Amigo é quem me paga uma canada. »

SONETO

—

O mundo é mentiroso, engana em tudo,
E' milagre encontrar a sã verdade;
E quem culto render a tal deidade
De muitos ouvirá: « este é *pelludo*: »

Por isso diz o tolo: — eu tenho estudo;
Alardeia jejuns o gordo frade,
Apregoa o ladrão moralidade,
Aponta vil fidalgo o nobre escudo;

O militar poltrão audacia arrota,
Diz que tem rectidão juiz venal,
Diz que o sizo lhe sobra um bom janota;

Porém tanto mentir não levo a mal;
Porque, sendo um dos taes que Apollo enxota,
Chamo a isto soneto — e não é tal.

SONETO

A um mau barbeiro

—

O' barbeiro cruel, és um canalha,
Fazes soffrer no mundo o purgatorio;
Em tuas mãos caí, por ser simplorio,
E mil vezes gritei: — Jesus me valha!

Tua pesada mão feroz trabalha
Ao som d'um tão nojento palavrorio,
Que enjoa muito mais que um vomitorio,
E prolonga o martyrio da navalha!...

Em tuas mãos penei bons dez minutos,
E, lamentando o meu triste fadario,
Jurei fugir dos teus gadanhos brutos:

A toalha tornei triste sudario,
E co'os queixos do sangue mal enxutos
Do barbeiro saí p'r'o boticario.

SONETO

A um massador

—

E's grande massador impertinente,
Que flagellas, sem dó, um desgraçado,
Como tal és por todos apontado,
E já foge de ti bastante gente:

Aquelle, que uma vez te ouve, sómente,
Não te quer ouvir mais, fica estafado;
E, se ao longe te vê, corre assustado,
E se escapa de ti fica contente:

Aturado te hei já vezes diversas;
Hoje massadas tuas não affronto,
Pois tens lingua tambem das mais perversas;

E crê-me, que não minto no que conto:
Se inda alguem te supporta essas conversas
E' só de seus peccados em desconto.

SONETO

—

Vou fazer um soneto? — Vou, depressa.
E deve ser bem feito? — Está sabido.
Mas de que fallarei?... do deus Cupido,
Que ao peito mil farpões nos arremessa?...

Mas eu fallar d'amor!... Olhem que peça!
Sem ver um coração por mim rendido!...
Devéras ficarei compromettido,
Sem ter quem seu auxilio aqui me off'reça! ..

Duas quadras já eu fiz de repente...
Porém como engendrar este terceto?...
Confesso que não sei mui francamente:

Comtudo, acabo esta *obra* em tom faceto,
E mostrarei aqui a toda a gente
Que, sem saber de quê, fiz um soneto.

SONETO

—

Quem quizer qualquer dama ver zangada
Não lhe chame nem tola, nem vaidosa,
Não lhe diga que é má, ou é teimosa,
Ou que o seu feroz genio desagrada;

E não pense tambem vêl-a esquentada
Quem lhe disser que a triste fama goza
De a muitos namorar, e em verso e prosa
A todos escrever, sempre inspirada:

Podem todos chamar-lhe tagarella,
Fera, bicho cruel, que se recreia
Em ver amantes mil soffrer por ella:

Que se zangue com isto ninguem creia;
Mas verão como toda se arrepella
Se alguem lhe fôr dizer: ai! como é feia!

SONETO

—

Marido, gasta á larga o teu dinheiro
N'essas vistosas lojas de modistas;
Da mulher á vontade não resistas
Se não queres em casa ouvir berreiro;

Muito embora te faças caloteiro,
De a trazer um primor nunca desistas;
Vê que a tua mulher quer dar nas vistas,
Andando a passear o dia inteiro;

Quer figurar em bailes, em jantares;
E diz que desconfia da sisuda,
Que reprova funcções fóra dos lares:

Marido, vasa a bolsa — e bocca muda,
Pois se, apenas, de dôr um ai soltares,
Ouvirás a mulher dizer: — «caluda!»

SONETO

—

Tu choras pela bella, meu patola,
A bella ri de ti ás gargalhadas;
Tu chamas-lhe rainha *d'aureas fadas*,
Ella chama-te, apenas creançola;

Tu por ella a rimar canças a bola,
Cantando-lhe as feições tão delicadas;
Ella, ouvindo-te as trovas *inspiradas*,
Affirma que pancada tens na mola;

Tu chamas-lhe uma deusa, que enfeitiça,
Ella diz que tu és um paroleiro,
Que enjoa a mais não ser quando derriça;

Tu dizes: «sinto o ardor mais verdadeiro!»
Ella, ao ver a paixão que em ti se atiça,
Diz que em seu coração sempre é Janeiro.

SONETO

A um tabaqueiro que abandonou o rapé

—

Maldição! Maldição!... Que louco intento!...
Pois deixas do rapé o *santo* vicio?!
Vaes roubar ao nariz o beneficio
Do cheiro, que lhe traz vida, e alento?!

Olha que pões a penca em um tormento...
Olha que pões o caco em precipicio!...
Pois sem tomar tabaco, por officio,
Perde a *mola real* o movimento!

Ouve d'um tabaqueiro a sã verdade,
E vê que sem rapé, ou fino ou grosso,
O nariz vae morrer em anciedade...

Não ponhas a cabeça em alvoroço,
Que, se usares com ella crueldade,
E' capaz de fugir-te do pescoço.

SONETO

Ao mesmo tornando a tomar rapé

—

Parabens, caro amigo, parabens!
Pois vejo que outra vez, com toda a fé,
Encaixas a pitada de rapé
Por essas largas ventas, que tu tens:

Sabiamente pensaste, olhando os bens,
Dos quaes o *santo pó* motor só é...
Perdel-os por capricho fôra até
Teu nome pôr a par d'alguns *ninguens.*

Não vês como se alegra o teu nariz,
E como de prazer entra a espirrar,
Julgando-se a *batata* mais feliz? ..

Parabens! parabens te quero dar,
Pois com esse soneto, que te fiz,
Recobraste as delicias do fungar.

SONETO

A uns olhos... oh! que olhos!

—

Arde meu coração n'uma fogueira
Quando vejo teus olhos, minha *aquella,*
Parece que está feito em cabedella,
Pois, ás vezes, a isso até me cheira:

Receio que esta chamma verdadeira
Me venha a pegar fogo na moela,
Receio ver sair pela guela
Os bofes a ferver como em caldeira.

Não gósto mesmo nada desta graça...
Arreda para lá esses archotes,
Não me faças carvão, que é má chalaça!

Bebo d'agua por dia immensos potes,
E co'a dor, que meu peito despedaça,
Dou pulos, cambalhotas e pinotes.

SONETO

Ao Café Concerto no Passeio Publico

—

Ha quem diga por hi que muito enjoa
No Passeio o haver Café Concerto;
E eu teimo que não é um desconcerto
Querer civilisar assim Lisboa:

Temos alli *can can,* que é coisa boa,
Pois do fado e da polka é lindo enxerto,
E temos, para em tudo haver acerto,
O *doce* cornetim, que ao longe soa:

Cantadas por donzellas d'alta b'lleza,
Ouvem-se alli *sonoras* cançonetas,
Prodigios de moral — obra franceza;

Aprendem-se de França mil caretas,
E pagam-se em moeda portugueza
Joguinhos, cantoria, lérias, petas.

SONETO

Aos annos d'um amigo

—

E' dia de teus annos... 'stou zangado!
Queres saber porquè? — A *coisa* é esta:
E' que tenho uma lyra, que não presta
Para vibrar um canto sublimado!

Quiz metter-me a cantor, soltar um brado
Com que podesse honrar a tua festa;
Mas debalde lidei, bati na testa,
E o estro não chegou!... fiquei logrado!

Já vês que a minha musa fez-se á malta;
Inda bem que a teus annos, caro amigo,
Os meus versos não podem fazer falta:

Convido-me a jantar hoje comtigo,
E veremos se a musa então se exalta;
Por ora — parabens — e mais não digo.

SONETO

Ás iscas do Arsenal

—

Quem passar pela rua do Arsenal
Um cheiro muito bello hade sentir;
Pois saiba que são iscas, que a frigir
Deitam aquelle cheiro divinal;

E se quizer provar petisco tal,
Que dizem ser custoso d'engulir,
D'uma faca se deve prevenir,
E se um garfo levar não fará mal:

Não espere toalha quem lá fôr;
As iscas *papará* sobre o balcão,
Tendo apenas um prato por favor;

Pois é costume antigo do patrão
Aos freguezes a suja lei impôr
De comerem as iscas com a mão.

SONETO

—

Sonhei que no Parnaso alegre estava
Das musas escutando a melodia,
E tamanho prazer então sentia,
Que o pobre coração se me assombrava!

Sonhei que o *loiro* Apollo me abraçava,
Infundindo-me o dom d'alta poesia,
E, dando-me uma lyra, me dizia:
«Canta do que souberes»... e eu cantava!

Cantava — e o deus *laureado*, o deus *ingente*,
Soltando divinal, sonoro harpejo
Meu canto acompanhava alegremente!...

Entre os hymnos do céo então me vejo!...
Mas, por desgraça, acordo de repente,
E oiço na rua o quê? — Um realejo.

SONETO

Dialogo entre um pae e uma filha

—

P — Tu és... és a peior das raparigas!...
Cala-te!... has de casar co'o deputado!...
F — Não, papá, que hade ser aparvalhado,
Pois p'la cara se vê quem tem lombrigas...

P — Filha dos meus peccados, não prosigas,
Que fazes d'um pae terno um pae zangado!...
Que tens que lhe dizer?... E' aleijado
O rapaz, que te dou? Quero que digas.

F — Não, papá, mas é feio... usa um *cochicho*
Em logar de chapeu... não sabe dança...
Um velho o julgarão, pondo rabicho.

P — Que tola que tu és!... como és creança!...
Horrendo que elle fosse como um bicho
P'r'o tornar um primor bastava a herança.

SONETO

A uma pulga

—

Cruel animalsinho, és um chupista,
Que chupas por canudo o sangue humano!
Se te querem punir do arrojo insano
Tu safas-te a pular como um fadista:

Vieste contra mim — fui-te na pista
Até que te *filei*... vou ser tyranno,
E dar-te o derradeiro desengano,
Porque pulga não ha que me resista!...

'Stás aqui estás morta n'um momento,
Que vou dar o castigo merecido
A esse teu enorme atrevimento;

E depois de tu teres já morrido,
Para ás outras servires d'escarmento,
Vou enterrar-te em sebo derretido! [1]

[1] O sebo derretido junto aó pavio da vela.

SONETO

—

Escrevia um janota á sua amada
Versinhos, que julgava primorosos,
E louvava os olhinhos tão formosos
D'aquella a quem chamava a sua *fada;*

Chamava-lhe uma *Venus delicada,*
Anjo de trinta mil dotes mimosos;
E cantava com sons fastidiosos
A boquinha, onde *amor tinha morada.*

Assim dizia no delirio o *vate:*
«Quem hade resistir ás vozes puras,
«Que saem dos labios teus côr de tomate?!»

Pergunta-lhe o seu bem: «que creaturas
«Escutarão tamanho disparate
«Sem dizer que o author tem ferraduras?!»

SONETO

—

Industriosas pulgas vi contente,
Tambem as vaccas sabias trabalhando,
A phoca dentro d'agua, manobrando
A' voz da sua dona intelligente.

Ouvi cantar um cão *suavemente*,
Dois ursos muito airosos vi dançando,
Ratas sabias proezas praticando,
Leões tratando a dona humildemente;

Um macaco já vi tomando esturro,
Mostrando no juizo preferencia
A muito homem, que timbra em ser casmurro;

Vi n'uma egoa pasmosa obediencia;
Té vi, zurrando, adivinhar um burro!...
Falta-me ver n'um porco intelligencia.

SONETO

A um poeta que casou com uma poetisa

—

Teu desejo, poeta, está completo,
Pois casaste com bella poetisa;
Tua ventura augmento não precisa,
Que a lyra vês na mão do *amado objecto*:

Uma vida d'encantos te prometto
Ao lado da inspirada D. Luiza;
Com ella irás soltando á *meiga briza*
Apaixonados cantos em dueto.

O céo te fará pae d'oito meninas,
E das musas, de quem só fazes caso,
Os nomes lhes porás em pequeninas;

E, para em nada se mostrar atrazo,
Manda-lhes ensinar prendas divinas,
Que em casa arranjarás novo Parnaso.

SONETO

Dialogo entre um Elle e uma Ella

—

Ella—O senhor com rigores me flagella!
Responda a um coração, que está zangado:
Porque não veiu hontem, bem amado,
P'ra me fallar debaixo da janella?

Elle—Faltei... perdão lhe peço minha bella...
Mas, como ando bastante constipado,
Na cama me encaixei muito abafado,
E duas vezes tomei chá de macella...

O inverno me atormenta, e dá quebranto,
E só affronto o frio horas inteiras
Por gozar de seu rosto o lindo encanto.

Ella—Agradeço expressões tão lisongeiras;
Mas creio lhe penetra o frio tanto,
Que até no coração já tem frieiras.

SONETO

A uma cosinheira

—

Eximia cosinheira, nestas vozes
Da lyra do *poeta* arrebatada,
Recebe uma canção alambazada
Pois tão bem cosinhaste estas eirozes!

Estimo que mui larga vida gozes,
E a receita não percas sublimada
De temp'rar tão gostosa caldeirada,
Que ás calças rebentar me faz os coses!...

Mereces uma c'rôa, cosinheira,
Feita do mesmo loiro, que deitaste
Em tão appetitosa petisqueira...

Adoro-te! és meu bem! tu me encantaste!
Acceita um coração que á sexta feira,
Regalando-me as tripas, conquistaste!

Coisas com que eu embirro

—

Que sou poeta maldoso,
Com certeza, vou ouvir;
Mas d'este mundo enganoso
Quem diz bem—é mentiroso,
Quem diz mal—não quer mentir.

Ha por hi alminhas bellas,
Que trabalham por tapar
D'este mundo as mil mazellas;
Eu vou mostrar muitas d'ellas:
Cada qual tem seu pensar.

Dirão que assim não emendo
Defeitos, que o mundo tem;
Acredito — mas entendo
Que, seus podres escondendo,
Não se cura o mal tambem.

Não terá no seu miolo
Uma espantosa lesão
Aquelle, que, sendo um tolo,
Fica doido de consolo
Quando lhe chamam — Barão?

Não terão grande demencia
Os que andam em procissões,
Chamadas de penitencia;
E vão depois, sem decencia,
Tomar famosos pifões?

Não será um bom simplorio
O que, pobre, vae casar,
P'ra viver n'um purgatorio,
A maldizer o casorio,
Não tendo aos filhos que dar?

E não será mais asneira
Se casa segunda vez
Com mulher, que a pobre cheira,
Sem lhe lembrar a primeira
Tremenda asneira que fez?

Não merece co'um chicote
Quem marido se fizer,
E andar sempre n'um virote,
A pregar muito calote
Para enfeitar a mulher?

Não é um grande pachola
Janota, que vae jogar
O jogo da carambola,
Fazendo faltas na escola,
Onde aprende a soletrar?

Não é optimo pateta
Janotinha, que se crê
Uma belleza completa,
E namora de luneta
Toda a menina, que vê?

Não é doidinha a donzella,
Esp'rando por seu amor
Muitas horas á janella,
Quando o frio o sangue géla,
Ou quando abraza o calor?

Inda mais, se longo espaço
Nem da chuva quer fugir,
Pois lhe não causa embaraço
O sentir sobre o cachaço
Agua e mais agua a caír?

Não mette dó a menina,
Que escreve cartas d'amor,
Mas que depois se amofina,
Vendo que o seu *perna-fina*
As mostra seja a quem fôr?

Não tem bem triste mania
A, que a mil quer namorar,
E que escreve noite e dia
Cartas sem orthographia,
Que fazem rir, e chorar?

Não merece grandes troças
A velhota sem sabor,
Que ensina decencia ás moças,
E, na rua a saltar poças,
Mostra a perna, e causa horror?

E muita lambada junta,
Outra, qual furia infernal,
Não merece, se besunta
A carranca de defunta
Com pomada *virginal*?

Dirão que são bagatellas
O que acabam de me ouvir;
Mas do mundo são mazellas;
Embirro com todas ellas,
E com quem as encobrir.

Coisas de que eu gosto

—

N'este mundo, tão velhaco,
Pequeninas coisas ha
Pelas quaes dou o cavaco;
Talvez isto seja um fraco,
Mas fracos quem não terá?

Acho gosto em mil coisinhas
De que não gostam os mais:
Que querem? são coisas minhas;
Posso gostar de sardinhas,
Os gostos não são eguaes.

Gosto de ver um *pacato,*
Usurario de tremer,
Na rua feito beato;
E apparecer um gaiato,
Furtar-lhe o lenço, e correr.

Gosto de ver *janotinha*
Estudando posições;
E um padeiro, que caminha
Todo cheio de farinha,
Dar-lhe um ou dois encontrões.

Gosto de ver um jarreta,
Onde o sizo não chegou,
A namorar de luneta;
E um menino de jaqueta
A dizer-lhe: *um bolo avó.*

Gosto do militar bello,
Que nos diz que á guerra vae
Metter tudo n'um chinello;
Mas, quando salva o castello,
Estremece e diz: ai, ai!

Gosto de ver preto rico
Uma branca a namorar;
Passar um homem com *bico,*
E chamar-lhe pae *Fanxico,*
Não parando d'espirrar.

Gosto de ver uma dama
Com seu fato d'estadão,
Em dia de muita lama,
Presa nas ruas d'Alfama
Por causa do seu balão.

Gosto de ver, mui gaiteira,
Uma velhota a dançar;
E em meio da brincadeira,
Ver cair-lhe a cabelleira,
Deixando a careca ao ar.

Gosto de ver velho prompto
A dançar, pedindo *bis*,
Sem dar aos annos desconto;
Tropeçar, e cair tonto,
Esborrachar o nariz.

O agiota, alma de moiro,
Gosto de mui gordo ver
Carregado co'o thesoiro;
Soltar-lhe atraz bravo toiro,
E vêl-o depois correr.

Gosto de ver damas varias,
Que ao café-concerto vão
Para ver as luminarias,
E ouvir essas lindas arias
Com *pimenta* e *pimentão*.

Gosto de muita patranha,
Que nos conta um militar,
Que não brigou em campanha;
Mas que fez grande façanha
Em fugir sem tropeçar.

Gosto de ouvir um valente,
Que se inculca por Sansão,
Diz que arromba toda a gente;
Mas, se um cão lhe mostra o dente,
Foge adiante do cão.

Gosto de ver o poeta
No seu furor de rimar,
Já, por fim, meio pateta,
A dar em si cacholeta,
Sem poder rima encontrar.

Gosto de ver, e ter visto,
O homem, que nada val,
Com seu habito de Christo...
E gosto que gostem d'isto,
Que escrevi, ou bem ou mal.

—

Ao soldado

—

Arda de raiva e furor
Sem nunca saber porquê.
TOLENTINO—Satyra—a guerra.

A'lerta, soldado! A'lerta!
Corre a patria a defender;
Do sangue faze-lhe offerta,
Que ella é tua amiga certa,
Dá-te feijões a comer.

Põe a mochila de lona,
O teu bornal, e cantil,
As corrêas, e a patrona;
Como a gente valentona
Empunha o duro fuzil;

E esta nação defendendo,
Augmenta os loiros que tens;
Duras filas vae rompendo,
Mostra-te heroe combatendo,
Morre por quatro vintens!

Salta á brecha, sem receio,
Faze acções d'alto valor;
E, de mil balas no meio,
Nunca tremas—porque é feio—
Nem mudes do rosto a côr.

Folga ao zunir da metralha,
Folga ao troar do canhão,
Que talvez esta batalha
Te renda alguma medalha
Com fitinha d'algodão.

Não temas perder um braço
Pela patria, tua mãe;
Sempre firme avança o passo,
Nada te cause embaraço
Porque a patria paga bem.

Dirás que tens a barriga
Muito leve p'ra tal fim:
Não te dê isso fadiga,
Que p'ra ser leve na briga
E' preciso andar assim.

E não perguntes, soldado,
O que tu defender vaes
Com teu valor extremado;
Diz-se o paiz ultrajado,
E não queiras saber mais.

Leva e dá, e mata e morre
A' voz do teu coronel;
O soldado não discorre,
E' boneco, que anda e corre,
Manobrando por cordel.

A'vante! que se a victoria,
Por acaso, se alcançar,
Serás coberto de gloria,
E viverás na memoria
De quem de ti se lembrar!

Se na lucta pereceres,
Por nunca ás balas fugir,
E's heroe!.. e que mais queres,
Se teus filhos, se os tiveres,
Tua morte hão-de sentir?

A'vante, pois, ó guerreiro,
Carreira a mais nobre tens:
Matas, morres prazenteiro,
Carregas, andas ligeiro...
Tudo por quatro vintens!

Ao meu amigo José Ferreira Chaves

—

Como sei que não te enfada
Ler meus versos sem sabor,
Com penna mal aparada
Vou escrever *versalhada,*
Por me achar de bom humor.

Não esperes que te diga
Sinto n'alma inspirações,
Que me traz a musa amiga,
Como diz muita formiga,
Que egual se julga a Camões.

A viva luz do Parnaso
Não vem descer sobre mim;
Ando sempre em grande atrazo,
Porque Apollo não faz caso
D'um poeta de *chinfrim*.

Deu-me agora na *pancada*
Escrever versos p'ra ti;
Has-de aturar a massada,
Muito embora, ella acabada,
Tu digas que endoideci.

Poetas, se teem revolta
A bilis, são de tremer,
Nem o demo lhes dá volta,
E julgam que a phrase solta
Todos lh'a devem soffrer.

Tenho pena que um poeta
Não sejas—melhor do que eu—
Para darmos cacholeta
Em todo o bicho careta
Que figura, e é sandeu.

Mas se as musas, amiguinho,
Tu não queres cultivar,
Vaes seguindo outro caminho,
Que tambem p'r'o meu gostinho
Póde bem cooperar.

Na linda arte da pintura
Já mostras grande valor;
Ensaia a caricatura
De tanta vil creatura,
Que eu depois vou descompor.

Vamos tirar o socêgo
A quem 'stá a governar
Um povo, manso borrêgo,
E póde ser que um emprêgo
Nos venha a bocca tapar.

Não é caso nunca visto
Apanhar por descompor;
Muitos habitos de Christo
Se teem ganho só por isto,
E por ser bom gritador.

Portanto, ávante barulho!
Caricaturas sem fim!
Haja grande sarrabulho,
Que é facil lucre o bandulho,
Acabado este motim.

Se permittes que um *poeta*
Assumpto te venha dar,
Veste o chambre ou a jaqueta,
Toma pincel e palheta,
E principia a pintar.

Pinta um fidalgo basbaque
Com cara de parvalhão,
Mettido dentro d'um fraque,
E soffrendo um forte ataque
De toleima de Barão.

Este paspalhão inchado
Tenha ao lado, por brazões,
Um pergaminho ensebado,
Um gato preto assanhado,
Dois ursos, e tres leões.

Da bocca um grande lettreiro
Lhe sáia; que diga assim:
«Sou fidalgo, com dinheiro,
«E tem este mundo inteiro
«Os olhos fitos em mim:

«Herdei titulos pomposos
«De nobreza a mais não ser;
«Meus ascendentes famosos
«Nunca foram preguiçosos,
«Pois todos souberam ler;

«Entraram em mil campanhas,
«Todos foram generaes;
«E na guerra das aranhas,
«Fizeram acções tamanhas,
«Que o mundo não viu eguaes:

«Um chamou-se o *Cutiladas*,
«Porque a mil acutilou
«Em luctas assignaladas;
«E com duas estocadas
«Quarenta moiros matou;

«Outro, affrontando perigos
«Em campanhas de pasmar,
«Deu a traidores castigos,
«E co'o sangue d'inimigos
«Fez chouriços de fartar;

«Outro, heroe d'alta chibança,
«Chamou-se *Escala-favaes;*
«Furou a muitos a pança,
«E manejava uma lança,
«Que pesava seis quintaes;

«Outro saltou á tribuna,
«Vendo a patria em confusão;
«Gritou com voz importuna,
«Até que teve a fortuna
«D'estafar o seu pulmão.»

Um quadro assim pinta, pinta
Esperançoso pintor...
Mas em tal não gastes tinta;
Procura obra mais distincta,
E desculpa o massador.

A Guitarra e a Lyra

—

Não olham se ha, ou não veia discreta;
Quem lhe deu na cabeça foi poeta.
CONTO GUERREIRO.

Tocar guitarra foi moda,
Já foi prenda principal;
E a gente da fina roda,
Se não toda, quasi toda
A tocava bem ou mal.

Mas o tempo desaloja,
Ou mata as modas por fim;
E hoje em dia quasi enoja
Achar guitarra na loja
D'um barbeiro de chinfrim.

Agora os do janotismo
Buscam lyra, e nada mais;
Cantam d'amor o heroismo,
E das ternuras no abysmo
São poetas collossaes!

Vereis que hoje um creançola,
Escondido ao professor
Em qualquer canto da escola,
Vae dando tratos á bola,
Compondo versos d'amor;

E depois, com mão bem destra,
A' pequerrucha as vae dar,
Que sae contente da mestra,
Porque espera ter palestra
Com seu bemsinho *sem par*.

Vereis janota elegante
A' mesa d'um botequim,
N'um estylo delirante,
Cantando da sua amante
Alvos dentes de marfim;

E, para não soffrer quebra
Na pasmosa inspiração,
Ir entrando p'la genebra,
Até que, *pio*, celebra
De seu bem graça e condão.

Vereis outro, em sons carpidos,
Chamando á sorte fatal,
Fazendo altos alaridos,
Soltando agudos gemidos,
Quando ninguem lhe faz mal.

Vereis que um bello frescata,
Que anda sempre a pandigar
No Penim, Mangini, e Matta,
Compõe tão triste cantata,
Que faz a todos chorar.

Outro, poeta de fama,
D'altos assumptos cantor,
Ardendo em fogo sem chamma,
Ateima que a sua dama
E' um sol abrasador;

E, só para lhe dar gosto
No inspirado canto seu,
Compara-lhe o lindo rosto
Ao da lua em mez d'Agosto,
Brilhando *pura e sem véu.*

Tambem diz que se assemelha
Ao da aurora no primor;
E á sua face vermelha
Chama-lhe um arco da velha
Todo cheio de fulgor.

Todo aquelle, que é janota,
Ou seja velho ou rapaz,
Veloz no Pegaso trota,
Com versos tudo abarrota,
Em versos dá sota e az.

E se dantes em guitarra
Todos sabiam tocar,
N'esta época bizarra
A' lyra tudo se agarra
P'ra seus amores cantar.

Mas eu, que amores não tenho,
Quer acreditem, quer não,
E' sómente o meu empenho,
Quando na *lyra agatanho,*
Não ser poeta chorão.

Tocar desafinado

—

Um aprendiz de rebeca,
Ou seja velho ou creança,
Que, levadinho da bréca,
Atormenta a visinhança
Com horrivel musicata,
Ai! mata.

Um réles, porém teimoso,
Tocador de clarinete,
Que, por ser estudioso,
Não larga nem a cacete
O seu instrumento mau,
Quer pau.

O que, mesmo em sua casa,
Dá solos de rabecão,
E que faz andar em brasa
Os que seus visinhos são,
Sem poderem pregar olho,
Quer *môlho.*

Um afamado sineiro,
Que por grande desatino,
Passa o dia quasi inteiro
Sem largar o pobre sino,
Que faz dores de cabeça. . .
Que *peça!*

O que toca em cavaquinho
Sem fazer grande motim,
E se entretem, coitadinho,
Com *innocente* chinfrim;
Como causa pouco abalo,
Deixal-o.

Um tocador de sanfona,
Que toca a todo o momento
Com o um homem, que resona
Com a barriga p'r'o vento;
E' pagar-lhe a prenda sua,
E rua.

Gallego mettido em brios,
Tocando gaita de folles,
Mostrando em seus desvarios
Que deve ir p'ra Rilhafolles,
Porque os ouvidos molesta,
E' bêsta.

Barbeiro, que se regala
Quando toca uma guitarra,
Que sobre musica falla,
E que julga ser um barra
Quando aperta a caravelha,
Tem *telha.*

Sugeito, que, com despejo
Em uma rua parado,
Vae tocando realejo,
Que ronca desafinado,
Atordoando quem passa,
Tem graça.

O que diz: « eu sou poeta »
Porque *arranha* n'uma lyra,
Mas não passa d'um pateta,
Que diz *famosa* mentira...
Esse, então, é desgraçado,
Coitado.

Retrato do janota

—

O' musa, minha devota,
Vêde se hoje me inspiraes,
Que em versinhos de risota
Quero pintar o janota
Sem gastar tinta de mais.

Vou pintal-o—e se não posso
Dar ao quadro as perfeições,
Tomo o janota por grosso,
D'elle fazendo um esboço
Em dois traços, tres borrões.

Não será fino retrato
O que agora vou fazer;
Mas por isso não me mato,
Pois a poder de barato
Talvez o possa vender.

E mesmo o darei de graça,
Se não achar comprador,
A quem o favor me faça
De o mostrar n'uma vidraça
A janotas de primor.

Talvez que chamem demencia
Pintar eu com mau pincel
Um typo d'alta excellencia;
Mas farei a deligencia,
Ao menos, por ser fiel.

Lá vae — Cara deslavada,
Sem côr, nem boa nem má;
Cabecinha levantada,
A guedelha bem frisada,
Mas não por *mestres* de cá.

Na bocca enorme charuto,
Que o *contracto* lhe impingiu;
Os dentes sempre de lucto,
Ar de riso o mais matuto
Que em labios d'homem se viu.

No olho sempre luneta,
Apezar de vista boa;
E p'r'a suster, o pateta,
Faça embora uma careta,
Que espante qualquer pessoa.

Casaquinha acatitada,
Collete, que muito val,
Fina calça bem talhada;
Tudo fazenda *apurada*,
Que nem cheire a nacional.

Lustroso botim estreito,
Não d'artista portuguez,
Que não faz obra com geito;
Mas airosinho, bem feito,
Obra de *mestre* francez.

Francez em tudo: — na asneira
Té ser francez lhe convém
Ao janota parvalheira;
Quem disser d'outra maneira
A' verdade não quer bem.

Francez em tudo: — na falla,
Nas maneiras, no trajar;
Seja na rua ou na sala,
Mostre que não se regala
O portuguez em fallar.

No bilhar, se achar francezes,
P'ra jogar va-lhes pedir;
Jogue, e perca muitas vezes,
Trate-os com phrases cortezes,
Embora fique a tenir.

N'um baile, p'ra que se afame,
Deve dama procurar,
Que por franceza se acclame;
E, chamando-lhe *madame*,
Convidal-a p'ra dançar.

Deve andar pelas esquinas
Namorando, sem amor;
Conquistar muitas meninas,
Ter amantes dançarinas,
Qual d'ellas de mais primor.

Deve um janota de *siso*
Fazer versos taes ou quaes,
A que chame d'improviso,
P'ra cantar, se for preciso,
Os seus *anjos divinaes*.

No theatro italiano
Não deve uma vez faltar,
Para ao contralto e suprano
Dar bravos, ou ser tyranno,
Conforme mais lhe agradar.

Arranchando á pateada
Deve mostrar-se um Catão,
Dar patada e mais patada,
E não deixar ouvir nada
Em quanto tiver tacão.

Dar palmas á dançarina
Deve, se tem lindo pé,
E não tem a perna fina;
Dar-lhe uma c'roa *divina*
Se cruel não consta que é.

Creio que com estas côres
E' que se devem pintar
Taes heroes conquistadores;
Mas dar ao quadro os primores
Não dei eu, nem posso dar.

E tu, leitor, se me notas
A fraqueza dos pinceis,
Direi que não me amarrotas,
E que p'ra pintar janotas
Não se cansam Raphaeis.

Uma mania como qualquer outra

—

Cansado de folia, e de galhofa
—Que o rir tambem enfada o coração —
Deixei o tom jovial, o tom de mofa,
Quiz um dia chorar. . . por distracção.

Dirão que foi loucura esta lembrança;
Não sei: talvez que não, talvez que sim;
Mas a variedade, e a mudança,
Se aos mais não é prazer, é para mim.

Quem tem de vate o nome, ou tem a alcunha,
Dores, maguas no peito sinta, ou não,
Deve a moda seguir da caramunha,
Porque é moda do tempo ser chorão.

Quiz chorar—da tristeza fui em cata,
Mas de meus olhos ella se escondeu. . .
Apenas vi chorando uma cascata,
Com pena. . . mas de quem não direi eu.

«Porque foges de mim, deusa *Lamuria,*
«Bordão que tanto vate sempre achou ? . .
«Dá hoje de chorar pasmosa furia
«A quem de tanto rir já se cansou !»

Assim disse—com magua não pequena
De não ver a meu riso um dia o fim. . .
Té nem pude chorar. . . vejam que pena !
Com quatro beliscões, que dei em mim.

«Irra ! Quero chorar, porque os encantos
«Do *doce* e *amargo* pranto não provei ! . . .
«Heide chorar por força, heide ter prantos ! . .
«E, á força de cebola, então chorei.

Chorei—contra a alegria
Uma victoria alcancei,
E por todo aquelle dia
Muita tristeza cantei!...
Estes meus olhos de pargo
Em rios de *pranto amargo*
Quasi afogados senti!...
Por entre o véu da tristeza
Eu só via a natureza
Tão risonha até alli.

Cantei sentidas endeixas
A uns olhos, que vi então,
Fiz versos a umas madeixas,
Onde achei *dôce prisão!*...
Chorei da vida as procellas,
A maneira porque as bellas
Fazem os homens rivaas;
Chorei dôres, e mais dôres,
Chorei trahidos amores,
E chorei não sei que mais.

Então vi muitas donzellas,
De mais ou menos primor,
Ao ler minhas trovas bellas
Soltarem prantos d'amor.
Uma dizia: «coitado!

«Este vate desgraçado
«Em mil prantos se desfaz;
«E, pelos cantos que solta,
«Alguma bella deu volta
«Ao miolo do rapaz!»

Outra vinha com carinhos
Mostrar-me album de primor,
E pedir-me uns versosinhos
Bem recheados d'amor,
Dizendo: «tenha paciencia...
«Como aprecio a cadencia
«Dos seus versos d'*encantar*...
«E' por isso que lhe peço
«Que me dê, se lh'os mereço,
«Versos, que façam chorar.»

—Com que então, com esse encanto,
Vive submersa na dor? ..
Precisa uns versos de pranto?...
O seu album faz favor.
E começo a choradeira,
Que nem uma carpideira
Me venceria a chorar...
Choro as dores da donzella,
Faço um dueto com ella
De carpir e soluçar.

Se via junto a uma esquina
Um janotinha do tom
A namorar a menina,
Que se ufana de ter dom,
D'antes ria; mas agora
O meu coração deplora,
Ao som d'um suspiro e um ai,
A sorte do pobre moço,
Se, quando eleva o pescoço,
Prova a bengala do pae.

Ria d'antes, quando achava
As cartinhas de primor,
Onde não se acreditava
A orthographia d'amor;
Porém hoje, qual historia,
Desejo uma palmatoria
Como jámais se encontrou
—Do tamanho d'uma trolha—
P'r'o pae, que não fez escolha
Nas mestras, que procurou.

Zombava d'antes, se via
Fidalgo parlapatão,
Com a sua fidalguia
Inchado como um pavão;

Hoje desculpo-lhe a asneira,
Tenho dó do parvalheira,
Que pretende figurar,
E digo, compadecido:
Vão-lhe chamar o *Polido*,
Talvez se possa curar.

Até não amo a comedia,
Que eu amava a não ser mais,
E morro pela tragedia,
Que tem duzias de punhaes!...
No prazer eu já não creio...
E' o meu prato do meio
A tristeza, a dôr carpir...
De maguas farei mil cantos...
Mas em se esgotando os prantos
O que farei?—Torno a rir.

Ao meu amigo Alfredo d'Oliveira Pires

—

Poeta dos maviosos sentimentos,
Se podem teus ouvidos ser attentos
Ao som d'uma sanfona velha e lassa,
Que não posso afinar, por mais que faça,
Escuta esta *canção*, já que a poesia
E' hoje verdadeira epidemia.

Tambem quero cantar d'*alva Nerina*
Os labios de carmim, face divina,

Os olhos, d'onde amor despede settas,
Que tornam os mancebos em patetas;
E essa gentil figura, que, elegante,
Faz de cada poeta um doido amante:
Tambem quero que as damas engraçadas,
Ouvindo-me as canções assucaradas,
Recheadas de lagrimas e prantos,
Vão em casa chorando pelos cantos,
E recitem os meus versinhos bellos,
Mais doces que alcaçuz ou caramellos;
Tambem quero, d'amor cantando a chamma,
Alcançar de poeta a nobre fama.

Vi um rosto, coisa bella!
Papa-fina, rabanete!
Um nariz de cavallete
De pasmosas perfeições!...
Vi uns olhos penetrantes,
Inda mais que aguda choupa,
Disparando á queima roupa
Settas mil em corações!

Tomei logo, a toda a pressa,
Assaltado por amores,

P'ra louvar tantos primores
Uma lyra de marfim...
E depois, sentindo o peito
Ensopado nas ternuras,
Em cadentes vozes puras
Eu cantei, cantei assim:

Anjo lindo, que me encantas,
Que as idéas me transtornas...
Anjo lindo, que me tornas
Um amante d'esta vez!
Ouve as vozes d'esta lyra,
Que não mente quando falla...
Se teu rosto me avassalla,
Não te safes, por quem és!

Amante mais extremoso,
Começando a ser careca,
Nem correndo sécca e méca
Achar pódes, meu primor!...
O meu peito delirante
Vive escravo de teus olhos,
Que são mesmo dois repolhos
Abrazados por amor!

Qualquer bella bem precisa
Dos poetas inspirados,
P'ra que em versos estudados
Vão cantando o rosto seu...
E tu, bella, meus encantos
Do mais subido quilate,
Não procures outro vate,
Que p'ra isso cá 'stou eu.

Ai! verás que bella vida,
Tão alegre e regalada,
Has-de ter, ó minha amada,
Se me queres por cantor;
Pois eu sempre, a toda a hora,
Seja noite, ou seja dia,
Em canções d'alta harmonia
Te darei muito louvor.

Preciso agora, amigo, que me digas,
Já que fazes tão bem d'estas cantigas,
Em que, apenas, entrei por curioso,
Se com esta rajada de amoroso
Poderei n'algum peito feminino
Doce chamma accender d'amor divino;

Pois, se acaso p'ra tanto tenho geito,
A's garrochas d'amor exponho o peito;
E, tornado em ternissimo poeta,
Nunca mais cantarei uma só peta:
Porém se esta *canção* por deslavada
Em vez d'amor merece pateada,
Dize-me que não presta—pois não zango,
E torno-me a entreter co'o meu fandango.

Espero uma resposta; e pódes dal-a,
Pois, por peior que seja, hei-de acceital-a
Sem por isso ficar desconsolado;
Antes, te ficarei muito obrigado.

DELIRIO E VINGANÇA

POESIA A TODA A FORÇA

Recitada no theatro de Variedades pelo actor Izidoro

Inda bem que é livre a imprensa,
Sandices que o homem pensa
Póde-as, afoito, dizer
F. X. de Novaes — OS MEUS DESEJOS.

—

Onde está ella ? ! . . a féra, que amei tanto ? ! . .
Que fez mil enxurradas de meu pranto ? ! . .
Onde está o dragão, que teve a audacia
D'enlouquecer o filho a D. Engracia ? ! . .
Fugiu ! . . que bem sabia que este braço,
A quem a raiva armou com fibras d'aço,

Era capaz de dar-lhe morte crua
Como quem mata um frango. . uma perua ! . .
Fugiu ! . . mas hei-de achal-a — tenho dito —
Que, de certo, não fôra mui bonito
Da vingança ficar sem as delicias
Quem foi bravo sargento de milicias ! . . .
Hei-de encontral-a ! . . . embora a fementida,
Que a cabeça me poz d'amor perdida,
Em cova mui profunda—e não redonda—
Nas entranhas da terra se me esconda ! . . .
Hei-de encontral-a ! . . ainda que ella esteja
Escondida entre mólhos de carqueja ! . .
Hei-de encontral-a ! . . e então, sentindo n'alma
Do escuro averno a abrazadora calma,
Raivoso lhe direi, fazendo acenos,
Estas palavras pouco mais ou menos :

Amei teu rosto formoso
Co'a mais ardente paixão,
Como ama um bom goloso
Uma brôa de cidrão ! . .
Amei-te com terna esp'rança ! . .
Amei-te como a creança
Ama o boi de papelão ! . .

Amei-te como o bom gato
O ratinho que caçou ;
Como a pata adora o pato,

Que no charco se creou!..
Amei-te como um menino,
Engraçado e pequenino,
Ama as festinhas do avô!..

Amei-te como o borracho
Ama a vinha do Senhor,
Quando bebe do Cartaxo
O saboroso licor!..
Amei teus affectos fracos,
E fiz meu peito em cavacos
A' força de tanto amor!..

E tu, leôa assanhada,
Zombaste d'esta paixão!
Vibraste uma punhalada
N'este peito de Sansão!
Oh!!! tu déste-me agonias;
Mas vou fazer em fatias
Teu perjuro coração!..

Maior vingança me abrasa!!!
Vês este agudo punhal?
Pois olha... vou pôl-o em brasa,
Mettel-o em chamma infernal!..
E depois, com força — zás —
N'esse peito o sentirás,
Vendo-me rir de teu mal!..

Depois no cadaver, já frio, gelado,
A lama das botas irei esfregar;
E, em raiva sentindo meu peito abrasado,
Que polkas mazurkas que eu hei-de dançar!..

E vendo, perversa, tuas cinzas guardadas
Já dentro de feio, medonho caixão,
Em vez de suspiros darei gargalhadas,
Cantando modinhas da minha paixão!..

Sentindo no peito ferver de mistura
Furor, alegria, rancor e prazer,
Darei mil pinotes, e muita diabrura,
Qual doido varrido, protesto fazer!..

E na sepultura da peior das Bernardas,
Que o mundo tem visto d'amantes zombar,
Em vez de cyprestes, só couves lombardas,
Repolhos, pepinos eu hei-de plantar!!!

Mas que disse?!.. Eu me arrepio!..
Perdoa-me, céo! perdoa!..
Oh!.. fôra um bicho bravio
Mais feroz que uma leôa!..
Que importa sel-o co'a ingrata,
Que me atormenta me mata,
E ainda em cima caçoa?..

Vou matal-a!.. Mas que é d'ella?..
Onde está esse dragão,
Que veio jogar a pella
Com meu pobre coração?!..
Onde te escondes, perjura?
(*uma* «Na sombra da sepultura...
voz) Queres-me ver?» Isso não!!!

Oh!.. não saias... por piedade!
Deixa-te estar que estás bem...
E talvez que não me agrade
Ver-te aqui sem mais ninguem!..
Dorme em paz o eterno somno,
Que já me não pregas mono
Em me tratar com desdem!..

Dorme por noites eternas,
Não faças caso de mim,
Que já me vergam as pernas
De te ouvir fallar assim!..
E p'ra ver se o susto passa
Vou afogal-o em vinhaça
Na taverna do Penim...

Vou beber com furia insana;
E depois, sombra, verás
Que os fumos do carraspana

Me tornam um ferrabraz!..
D'uma aduéla faço escudo,
Levanto este ferro agudo,
E vem p'ra cá se és capaz!

Afogar em copo fundo
A dôr vou, como os heroes,
Zombar d'almas do outro mundo,
Quebrar d'amor os anzóes!..
Fazer-te a chaga mais funda!
Matar-te p'la vez segunda,
E arrancar-te os caracóes!

Depois, já vingado, dois ferros cortantes
Empunho ás mãos ambas, enterro-os em mim..
Ensino as ingratas, que zombam d'amantes,
A' vida, que odeio, dou tragico fim.

Tristezas gordas

—

Vou chorar. . . vou chorar um pedaço,
Que em meu peito ha canadas de fel ! . .
A desgraça saltou-me ao cachaço
Qual teimosa carraça cruel !

Adorei uma nympha engraçada,
Que achou gosto em tecer o meu mal ! . .
Oh !!! matou-me essa nympha, chamada
Martha Brites. . . de coisas e tal !

Eu amei-a qual se ama uma lasca
De fiambre, que o Matta nos *dá*. . .
Qual se adora uma amendoa sem casca,
Um bom *beef* de carne da pá!

Este amor, que me pôz n'um brazeiro,
Ella viu com escarneo cruel. . .
Nem, sequer, se lembrou do dinheiro,
Que por ella gastei em papel!

Oh! gastei. . . quatro resmas ou cinco,
Rabiscando ternuras sem fim. . .
Expressando paixões com affinco,
Que era um gosto escutal-as assim!

Sou infeliz sem segundo,
A minha sorte é fatal!. .
Faça favor todo o mundo,
Venha carpir o meu mal!. .
Quero ver em toda a gente
Bem expressivo e patente
O signal da negra dôr,
Que o coração me penetra. . .
Lamentem, chorem. . . etc.
A sorte d'um trovador!

Vivo triste. . . e com fastio
Para augmento do meu mal. . .
Não posso comer safio,
Nem queijo do rabaçal ! . .
Nem á força de mostarda
Posso engolir uma sarda,
Nem uma peta em jejum ! . . .
Minhas maguas são tamanhas,
Que até sonho com aranhas,
Sonho peior que nenhum !

A todos constando meu mal tão profundo,
De certo que o mundo meu mal sentirá. . .
Se alguem de meus prantos se não desconsola,
Eu dou-lhe cebola. . . tambem chorará.

Só póde, sonoro, ferir meus ouvidos
Dos tristes gemidos o magico som. . .
Quem quer que meu peito tão triste, se encante,
Sómente me cante dos mortos no tom.

Ouvir, alta noite, tocar um zabumba
Ao lado da tumba, n'um ermo, bem só,
Encanta-me o peito, qual d'antes ouvindo,
Ao longe ganindo, mimoso tótó.

Apraz-me a tristeza. . . não quero galhofas. . .
Não hei-de ir a fofas. . . nem ver arlequins. . .
Não hei-de fartar-me de doce bolacha. . .
Nem hei-de dar graxa nos pobres botins!

Se alguem, escutando tão *triste tristeza*,
Não faz a fineza de bem me carpir,
Não tem coração — que do peito perdido
Lhe foi extraído, sem elle o sentir.

Os brutos sabios

—

Fallando livre de peta,
Digo e direi: — valem mais,
Muitas vezes que os humanos
Os brutinhos animaes:
Ha homens rombos d'idéas,
E com as cabeças cheias
De teias d'aranha — só;
E cavallos tão matreiros,
Que, vendo maus cavalleiros,
Pregam com elles no pó.

Ha burrinhos tão espertos,
Que, sentindo tentações
De ferrar na carga o dente,
Pregam no chão co'os ceirões;
E livres da *dita* carga,
Dando allivio á sorte amarga,
Vão descançados comer;
E ha homens — até de farda —
Que sem sacudir a albarda
Vão vivendo até morrer.

Ha damas, que não conhecem
Uma lettra do alphabeto,
E não distinguem — palavra —
Uma abob'ra d'um soneto!..
E com grande enthusiasmo
Eu já vi, cheio de pasmo,
Pulgas de grande saber,
Industriosas chamadas,
Que, a trabalhar ensinadas,
Davam ao dono o comer.

Ha n'este mundo meninas,
Ou casadas, ou donzellas,

Que passam o dia inteiro
Pespegadas nas janellas,
Esquecendo os seus trabalhos,
E, feitas uns espantalhos,
Nem sabem o *b a ba;*
E vejo *serviçaes* gatos,
Que pagam, matando ratos,
A quem espinhas lhes dá.

Ha muitas que não se atrevem,
Só por ter medo d'errar,
Se estão diante de gente,
A abrir a bocca, e fallar;
Temem dizer mil asneiras,
Parvoices, baboseiras,
Palavrinhas sem sabor;
Porém, sem fazer ensaio,
Em publico o papagaio
Eguala a muito orador.

E quasi que affirmar posso,
Que tomaram deputados
Fallar como papagaios
Na gaiola empoleirados!..

Pois os seus discursos *graves*
Não vencem os d'estas aves,
Oriundas do Brazil:
Ellas teem lindas prelengas,
Elles no fim das arengas,
Só fazem leis de funil.

O rouxinol sonoroso,
Que solfa não aprendeu,
Quando sólta o lindo canto
Sempre o peito commoveu;
O melro, quando assobia,
Sabe com sua harmonia
O coração encantar;
E homens, como eu, aos milhares,
Nem modinhas populares
Se atrevem a assobiar.

O homem ao bemfeitor
Recompensa com maldade;
O cão é, e será sempre,
Symb'lo da fidelidade;
O leve e astuto macaco,
Vestido com seu casaco,

Dá saltos de trampolim;
O homem menos *pelludo*
Precisa de grande estudo
Quando quer ser arlequim.

Trabalha de noite e dia
A providente formiga,
Amontoa os mantimentos
Porque tem dó da barriga...
E ha homens — até casados —
De sizo tão desgraçados,
Que passam mil privações;
E, a chorar n'um desatino,
Dão as culpas ao destino,
E, por fim, são mandriões.

A' vista d'estas verdades,
A que ninguem chame enganos,
Ao ver mil brutos espertos,
E mil *pacovios* humanos;
Direi — que se a bicharia
Vier a alcançar um dia
Da palavra o bello dom,
Será cruel e tyranna,
A vaidosa raça humana
Descompondo alto e bom som.

As settas de Cupido

—

No mundo o amor é tão velho
Que devia ter bolor;
Porém pinta-se um fedelho
Cupido, que é deus do amor!..
Scismo com isto bastante...
Porém vamos adiante,
Que não me é dado poder
Profundar este mysterio;
Quem tomar o caso a sério
E' capaz d'endoidecer.

Dizem que este creançola,
De subidas perfeições,
Agudas settas amola
Com que espeta corações;
Dizem que tem engraçada
Aljava d'oiro, ou doirada,
Onde as armas crueis traz;
E que fere noite e dia
Com tão certa pontaria,
Que melhor ninguem a faz.

E dizem que, por mais duro
Que já seja um coração,
Elle, se quer, lhe faz furo
Com seu agudo farpão:
E é por isso, certamente,
Que nós vemos tanta gente,
Teimando inda em captivar
Lindos rostos prazenteiros,
Sem ver que os muitos janeiros
Fazem-lhe o lombo vergar.

Dizem que o tal deus Cupido,
Lindo, travesso rapaz,

Em seu *brincar* atrevido
Não deixa ninguem em paz:
Dá-lhe a mosca, ou a veneta,
Despede bicuda setta,
E fere sem compaixão,
Seja rapaz engraçado,
Seja torto, ou aleijado,
Seja gigante, ou anão.

As meninas engraçadas,
De carinha de primor,
Soffrem — dizem — mil picadas
Das settas do tal senhor;
Padecem as coitadinhas,
E ficam como louquinhas
Noite e dia a suspirar. . .
E o seu mal é tão profundo,
Que esquecem tudo no mundo,
Só lhes lembra namorar.

Com fogo, que não se apaga,
Namoram aos dois, aos tres,
Quando foi profunda a chaga,
Que a setta n'alma lhes fez;

E a tanto chega a loucura,
Que não olham formosura,
Não teem o dom d'escolher;
Por isso bellezas raras
Engraçam com certas caras,
Que devem medo fazer.

Tambem esbeltos janotas
Rendem finezas, d'amor
A desdentadas velhotas,
Com faces de *rubra* côr;
Fazem-lhes ver que andam tontos,
E a dar alma e vida promptos
P'los encantos *divinaes*
De tão medonhas *caveiras*,
Que, postas sobre figueiras,
Espantariam pardaes.

Por causa do deus magano
Soffrem-se penas sem fim;
Mas elle co'os mais tyranno,
Não dispara um tiro em mim!..
Temerá o deus perfeito
De quebrar n'este meu peito

O melhor farpão, que tem?
— Não, não teme a resistencia;
E' que tem de mim clemencia,
E faz elle muito bem.

Não tenho Lyra

—

N'este mundo é coisa bella
Ter lyra d'alto condão,
E, render, cantando n'ella,
Das bellas o coração:
Instrumento mais mavioso,
Mais suave e portentoso,
E que mais infunda amor,
Não o tem o mundo inteiro;
A lyra excede o pandeiro,
Agrada mais que o tambor.

Ah! que se eu tivesse lyra
Das taes d'*encantos sem par*,
Affirmo aqui, sem mentira,
Passára a vida a cantar...
Desditoso, e coitadinho
De quem fosse meu visinho,
Que tinha que me soffrer;
Pois ou de noite ou de dia,
Eu, com a minha *harmonia*,
Fal-o-ía endoidecer.

Todas as bellas que eu visse
Com olhinhos de tentar,
Sómente por bregeirice,
Havia de captivar:
Com garbo a lyra empunhando,
E, harmoniosos, soltando
Cantos d'*insigne* primor,
Dissera á minha beldade:
E's amor! anjo! deidade!
Eu sou fulano... o cantor.

Os teus lustrosos cabellos
São d'amor doces prisões!

Esses teus olhos tão bellos
Dois abrasados carvões!..
A tua bocca mimosa
E' a mais brilhante rosa,
Que formou a mão d'amor!..
Teus dentes são jaspe fino...
O teu nariz pequenino
E'... seja lá o que for.

Dissera-lhe: anjo perfeito,
Gaz d'este meu coração!
Por ti sinto n'este peito
Amor fervendo em cachão!..
Só em ti minh'alma pensa...
E se lhe dás a sentença
De lhe negares amor...
Dás-me sentença de morte...
E verás com *agua forte*
Envenenar-se o cantor!

Depois, em cruel delirio
De mil ferventes paixões,
Pintara-lhe o meu martyrio
Com terriveis expressões...

Dissera-lhe — vês da campa
Pouco a pouco erguer-se a tampa?..
Vês os cyprestes além?..
Vês o coveiro risonho?..
Este apparato tristonho
E' p'ra mim... p'ra mais ninguem!

Olha aberta a sepultura...
Se um piparote me dás
Com alma raivosa e dura,
Perco o equilibrio, e *zás*,
Cáio p'ra sempre na campa...
E depois, fechada a tampa,
Não se torna mais a abrir...
Mas a minha sombra irada,
Em um lençol embrulhada,
Ha-de teus passos seguir.

Qual seria a linda môça
De sensivel coração,
Em quem não fizesse móssa
Com minha bella canção?!..
Todas, todas, todas ellas,
Ouvindo-me as phrases bellas,

Sentiriam n'alma ardor...
Todas diriam, de certo:
«Oh! que rapaz tão esperto!
«Gosto d'elle... sim, senhor.»

Só de em tal pensar delira
O meu pobre coração...
Mas p'ra quem não toca lyra
Tantas venturas não são!..
Oh! feliz de quem é vate,
E, rimando um disparate,
Conquista um ser ideal!..
Mas, comtudo, soffre dôres,
Que o que lhe sobra em amores
Falta-lhe sempre em metal.

Um velho de bom gosto

—

Que importa que a côr grizalha
Me infame o rosto ronceiro,
Se em quanto da Europa ralha,
Leva fallador barbeiro
Os meus annos na navalha?
Tolentino — Saty — O VELHO.

Sou velho — negar não posso
Esta verdade, que enjoa;
Mas n'este peito inda moço
Existe amor em pessoa...
Não riam de ver um velho,
Que não aceita o conselho,
Que a natureza lhe dá...
Fôra rir por coisa pouca;
Digam só, abrindo a bocca:
Que ratão!... Ora não ha!

Desculpem-me esta fraqueza
De que culpado não sou;
Do deus Cupido a fereza
Foi quem assim me tornou:
— Palavra — o tal diabrete
Nem quer sair a cacete
D'este pobre coração,
Onde faz tamanho damno,
Nem dar baixa a um vet'rano,
Praça do seu batalhão.

Se alguem me atacar de frente
Perguntando: «inda és feliz?»
Responderei de repente:
Sim senhor, é como diz...
Não ha bella, por mais bella,
Que resista a uma olhadella,
A um volver d'olhos que eu dê...
Como as moscas no melaço,
Todas me cáem no laço,
Sem mesmo saber porquê.

Sei porquê — presentemente
Nada falta em Portugal;

A França é tão providente,
Que dos annos cura o mal. . .
Se o não cura, a vista embaça,
Emprestando nova graça
A quem nenhuma já tem. . .
Aqui 'stou eu — sou um ginja,
Mas ha 'hi quem melhor finja
Um janota? digam; heim?

França! patria da pomada
De cheirinho tentador,
Quanto te deve a velhada,
Que perdeu do rosto a côr!
Quanto a velha tartaruga,
Que quer alizar a ruga,
Encobrindo o ser avó!. .
Quanto a que em vaidosa pécca,
E p'ra tapar a careca
Precisa lindo chinó?!

Quanto te deve o marido,
Que se lembrou de casar
Co'uma velha, com sentido
De bom dinheiro encontrar?. .

Se jámais vê sem desgosto
O engelhado e feio rosto
— Que não foi quem o rendeu —
Besunte-o bem com pomada,
Verá que a dama lhe agrada,
Seja ella um camafeu.

E aquella já desdentada,
Que grande vista não faz,
Se comprar uma queixada
Do Vitry — obra capaz?..
Que lindos dentes aquelles!
E tão bonitos são elles,
Tão polidos, tão eguaes,
Que, p'ra agradar aos derriços,
Ha quem os ponha postiços,
Arrancando os naturaes.

Sou velho, mas não arreio;
Graças a taes invenções,
Encontrei seguro meio
De render mil corações;
E não pensem que me emprégo
Em namorar como um cégo,

Que sempre á tôa escolheu:
Não tenho a velhas cobiça,
Teem corações de cortiça,
E p'ra velho basto eu.

Gasto a manhã, quasi inteira,
Enfeitando-me no tom,
Ageitando a cabelleira,
Que me vendeu o Baron:
Depois de bem preparado,
Lavadinho e perfumado,
Sáio a passear então,
Vergando linda chibata
De castãosinho de prata,
E ponteira de latão.

Sou um janota perfeito,
Quando entro em qualquer café...
Apenas tenho um defeito:
Não fumo, tomo rapé,
Sei do charuto a virtude
Mas o fumo inda não pude
Perto das guelas sentir:
E' minha grande desgraça,

Em tomando uma fumaça
Começo logo a tossir.

Se vejo linda donzella,
Que anda só a passear,
Vou-me chegando p'ra ella,
E começo a conversar:
«A menina vae sósinha...
«Não tem medo...coitadinha...
«Aceita o meu braço?.. sim?..
«Tem aqui um cavalheiro,
«Que, seguindo-a prazenteiro,
«Vae do mundo até ao fim.

Este systema amoroso
— Que não é minha invenção —
Já me rendeu um famoso,
E tremendo bofetão:
Deu-m'o formosa donzella
A quem eu chamei estrella,
Deidade, e não sei que mais...
Foi um sopapo d'arromba,
Que além de esmurrar a tromba,
Quebrou dois dentes queixaes!

Mas soffri tanta rudeza
Sem, comtudo, me zangar,
Que os *tabefes* da belleza
Não se devem desprezar.
Dos amores no caminho,
A par de muito carinho
Desgosto sempre ha algum.
— Namore a rapaziada,
Que eu, pertencendo á velhada,
Não fico atraz de nenhum.

MOTE

—

Das frias campas surgindo
Dois esqueletos mirrados,
Dançam a polka janota
Sobre a terra dos finados.

Glosa

—

Nas veias o sangue géla,
Abafa-se o coração,
Quando faço a narração
D'esta historia. . . negra é ella !
Minha mente se atropella
As idéas confundindo. . .
Ao som d'um rumor, saíndo
D'entre a terra dos finados,
Vi dois vultos animados
Das frias campas surgindo !

Erguem-se. . . sáem. . . caminham. . .
Um vae o outro encontrar. . .
Em breve os vejo abraçar
Com longos braços que tinham. . .
Pouco a pouco se avisinham
Para mim os dois finados. . .
Os cabellos erriçados
Logo na fronte senti,
Quando perto de mim vi
Dois esqueletos mirrados.

Passados poucos instantes
Ensaiam com voz sumida,
Certa moda conhecida,
Que faz pular os amantes. . .
Mais medonhos que elegantes
Dão as mãos ao som da nota;
E, soltando uma risota
Das resequidas caveiras,
Buscando airosas maneiras
Dançam a polka janota.

Mas eis que os viu o coveiro,
Que a taes horas não dormia,

E' p'ra pôr termo á folia
Veio correndo ligeiro;
Gritou-lhes n'um tom grosseiro:
«Oh! defuntos mal creados,
«Com dois fortes cadeados
«Hei-de-os nas campas fechar,
«P'ra não virem *pandigar*
«Sobre a terra dos finados.

Um veterano das campanhas da praça do Salitre

—

Fui um valente soldado,
  Que mil victorias ganhei. . .
Porém não fui reformado
Por um defeito da lei ! . .
Sim, senhores, um defeito;
Pois quem expôe o seu peito
Como eu tanta vez expuz,
Fazendo moiros em cacos,
Merece bem dois patacos,
Merece ao peito uma cruz.

A nação um dia arbitre
A paga d'esses serviços,
Que na praça do Salitre
Fiz com bigodes postiços.
Aquillo é que eram façanhas!..
E não passam por patranhas,
Pois inda ha filhas e mães,
Que deram co'as mãos estoiros,
Vendo os revezes dos moiros
A trôco de seis vintens.

Uma vez, qual fero Marte,
Ou façanhudo Roldão,
Matei com um bacamarte
Metade d'um batalhão!..
E, não contente com isto,
A outra metade invisto
P'ra lhe dar egual quinau...
Querem pôr-se na *pireza*,
Mas dou remate á proeza,
Matando tudo a calhau.

Era o general Serrate
Quem nos commandava então,

Vermelho como um tomate,
Pois temeu revez na acção;
Porque a gente do turbante
E atrevida e chibante,
E não foge d'ouvir — pum!..
Trinta mil moiros morreram!..
E dos nossos, que venceram,
Nem, sequer, nos morreu um!

Quando recordo com pasmo
Aquellas acções guerreiras,
Que davam enthusiasmo
Aquem 'stava nas trincheiras,
Chega-me ás ventas o esturro...
Quero montar em um burro,
E depois pôr-me a gritar,
Brandindo dura catana:
Vamos matar o pantana,
Que é onde tudo vae dar!

Não digam que estas façanhas
Não valem dois caracóes,
Que da *praça* as mil campanhas
Fizeram grandes heroes!

Lá não havia um covarde!
Todos faziam alarde
Em o seu valor mostrar!
Alli, co'a mira em conquistas,
Por entre o fogo de vistas
A' brecha se ía avançar!

E se alguma falcatrua,
Por acaso, alguem lá fez,
Posto no meio da rua
Logo foi a pontapés;
Porque aquella gente brava
A quem traidor se mostrava
Sabia dar correcção...
E se em tudo assim se usára,
Outro gallo nos cantára,
Não houvera uma traição!

Mas quem em tantos conflictos
Mil tropheus soube ganhar,
Agora vende palitos
Se quer pão p'ra mastigar!..
E' triste!...mas não me zango,
Porque nunca almoçou frango,

Nem *chincou* lombo de boi
Soldado, que fez campanha:
Quem mais faz menos apanha;
O mundo sempre assim foi.

O mundo anda torto

—

Este mundo anda torto, e retorcido,
'Stá fóra de seus eixos e perdido;
Porém deixal-o andar por este geito
Já que poder não ha p'ra o pôr direito.
Vejo todas as coisas transtornadas;
Vejo os homens andarem ás pancadas,
Em quanto muitos bois, com paz *suave*,
Vão puxando o seu carro em passo grave.

Vejo muitas mulheres, que teem labias,
Ignorantes ao pé das vaccas sabias,
E não soltando a voz em tom amavel
Sem dizer baboseira formidavel.
Vejo muitas meninas preguiçosas,
E pulgas eu já vi *industriosas*,
Que, em logar d'estorvar o brando somno,
Ganhavam bom dinheiro p'ra seu dono.
Vejo muitos, que teem lingua damnada,
Passearem sem freio, á regalada,
Em quanto andam cavallos com mazellas
Por causa de bons freios e barbellas.
Vejo a bella fallando ao seu amante,
Dizendo asneiras mil a cada instante;
E junto o papagaio, na janella,
Empregando melhor a *taramella*,
Dizendo, sem receio, *expressão* grossa,
Que o rapaz faz fugir — que não quer troça.
Vejo homens de saber sempre calados,
Sem abrirem o bico; e alguns chapados,
Graúdos toleirões — té com demencia —
Fazendo-nos perder a paciencia
Com arengas compridas, que dão sécca,
E nos fazem, por fim, dôr d'enxaqueca.
Vejo o homem, que aveza poucos fundos,
Gastar moeda e meia em dois segundos;
Em quanto alguns, que são ricos *freguezes*,
P'ra gastar trinta réis tremem tres vezes.

Vejo creanças mil calcando o solo,
E cães, que correm bem, andar ao collo:
Vejo, emfim, n'este mundo tanta asneira
Que não posso calar-me, antes que queira;
E hei-de sempre dizer p'ra meu conforto:
—O mundo é torto, é torto—é muito torto.

Quem me dera ser pintor!

—

Não quizera ser poeta,
Só quizera ser pintor,
Pois entendo que a pintura
Rende mais, tem mais valor.

Antes qu'ria manejar
A palheta e o pincel,
Do que compor em mil versos
Um poetico aranzel;

Pois pintára, alegremente,
(Cada qual lá tem seus fracos)
Lindos quadros primorosos
Só compostos de macacos;

E estou certo que alcançára
Uma fama desmarcada,
Muito embora me chamassem
O pintor da macacada.

Dizem que é balda em macacos
Os homens arremedar;
E eu julgo, ás vezes, que os homens
Trabalham p'ra os imitar:

Mas seja lá como fôr,
Tal não quero decidir;
O que digo, com certeza,
E' que todos fazem rir.

Faz o mono macaquices,
E faz rir com varias petas;
Porém o homem faz mais;
— Faz *caras,* e faz caretas.

Dá mil saltos o macaco,
E saltinhos o saguim;
O homem tambem os dá,
Mesmo sem ser arlequim.

E muitas vezes até,
Commettendo graves faltas,
Salta por cima de coisas...
E de coisas muito altas!

O macaco trepa muito
Sem que o trepar o incommode;
O homem cá n'este mundo
Só não trepa se não póde.

Dança o macaco amarrado,
E o dono vintens apanha;
Anda o homem n'uma dança
Preso por teias d'aranha.

O macaco finge d'homem,
Vestido com seu casaco;
O homem, p'ra ter dinheiro,
Finge ás vezes de macaco.

Por ver que é quasi este bicho
Do homem copia fiel,
E' que eu tenho bons desejos
De manejar o pincel.

Se muitos pintam airosas
Lindas figuras humanas,
Eu pintára os animaes,
Que se nutrem de bananas;

E teriam os meus quadros
Copiados com verdade,
Na falta d'outros encantos,
O valor da novidade.

Ganhava bello dinheiro,
Ficava rico em seis mezes,
Se vendesse as minhas obras
Aos amadores inglezes.

Espalhando pelo mundo
Os meus quadros de primor,
Accrescentava na historia
Mais o nome d'um pintor;

E quando chegasse a vez
De eu descer á sepultura,
Sei que tinha este epitaphio
Gravado na pedra escura:

—Aqui jaz José Ignacio,
Que ganhou bellos patacos:
Deixou á posteridade
O seu nome, e os seus macacos.

Uma loja de barbeiro ao sabbado

—

Quem se entretem ouvindo novidades,
E gosta de saber da vida alheia,
P'ra bem satisfazer curiosidades
P'riodicos não compre, nem os leia;
Pois ha-de encontrar mais variedades,
E verá como bem mais se recreia,
Se n'uma loja entrar d'um bom barbeiro,
Insigne curioso, e paroleiro.

O sabbado é o dia em que mais vezes
A loja d'um barbeiro se vê bella,
Pois usam grande parte dos freguezes
N'este dia fazer a *rapadella*;
E' então que em mil scenas d'entremezes
Alli se vae soltando a taramella,
A todos, proferindo expressões *guapas*,
Mostram bem que na lingua não teem papas.

Vou fazer d'uma loja de barbeiro,
Se puder, a pintura rigorosa,
O que, além de sabido, é corriqueiro
Em verso vou cantar, que cheire a prosa;
Mas oiça-me sómente o bom peteiro,
Ou quem de o ser a fama, ao menos, goza;
— E' réles esta loja, que aqui pinto —
A pintura ahi vae — digam se minto.

Sentados em pobrissimas cadeiras
Se veem figurões de typos varios,
A'cêrca das noticias estrangeiras
Fazendo curiosos commentarios;
E mostrando na voz, e nas maneiras
Que não são de miolos ordinarios,
Mas, sim, de taes talentos sublimados
Que podiam até ser deputados.

Um falla sobre a sorte do paiz,
E clama que nós somos desgraçados,
Este deseja mais ferreos carrís,
Aquelle quer os que ha ver acabados,
E teima que ninguem será feliz
Em quanto se comprarem deputados;
Outro diz: «nossas penas, e zanguinhas
«Hão-de vir a findar co'o mal das vinhas.»

Aqui mette o barbeiro o seu bedelho,
E solta fortemente um appoiado,
Deixando descançar um pobre velho
Que era nos tristes queixos maltratado;
Pois que com a navalha — (antes chavelho)
Tinha seis fundos golpes já levado,
E, penando entre as mãos do mestre bruto,
Fazia mil caretas n'um minuto.

«Appoiado! senhor José Gregorio,»
Diz o barbeiro, e coça na careca,
E começa com sabio palavrorio
A lastimar o mal que as uvas sécca:
Diz que o vinho da tasca é vomitorio,
E que só nosso mal irá co'a bréca
Quando em mui larga escala Portugal
Caixotes exportar d'uva ferral.

Com cara d'importancia e parvalheira
Eis entra um figurão de perna esguia,
E repimpar-se vae n'uma cadeira
Que da loja a um canto acha vazia:
O *mestre* o comprimenta de maneira
Que até lhe dá tres vezes senhoria!...
Quem é, dirá alguem, este senhor?
—Nada menos nem mais que o regedor.

«Ora saiba *bocê seu Zé Parola*,»
Diz do bairro a famosa authoridade,
«Que déram tres pauladas na cachola
«D'aquelle meu *besinho*, que foi frade.»
—«Sim?! Quem foi o maroto, o mariola?»
Diz o barbeiro com curiosidade,
E lá pára outra vez no movimento,
E lá fica o freguez de cara ao vento.

O regedor então, narrando o caso,
Faz a tudo assombrar que está presente,
Mostra como acudira, por acaso,
Co'um *arrogante* cabo, heroe valente;
E diz: «quando eu cheguei foi tudo raso!.
«Dispersei com audacia a toda a gente,
«E saltando depois sobre o culpado,
«Para o Carmo o mandei—bem amarrado.»

Proeza de tamanha valentia
E' por todos alli engrandecida,
Incha-se o regedor da freguezia
Por ver que a sua acção por grande é tida;
Porém deixal-o inchar, que se é mania
Julgar-se um regedor coisa subida,
Tambem d'esta molestia teem ataques
Balofos medalhões, nobres basbaques.

Aqui muda a conversa, e vem á balha
Da visinhança a vida toda inteira;
Ninguem póde escapar-lhes pela malha,
Pois n'isto todos fallam de cadeira;
Qualquer d'estes ratões lida e trabalha
Por mostrar que não tem podre caveira,
E que bem se diverte e se recreia
Em vir assoalhar a vida alheia.

Ha tal, que tanto indaga, que consegue
Apontar mil namoros um por um,
Saber quem o preceito á risca segue
De comer peixe em dia de jejum;
E tudo quanto diz ninguem lh'o negue,
Que se o peixe foi pargo, ou foi atum
E' capaz de dizer com segurança
Este grande espião de visinhança.

Ha tal que sabe até quando os maridos
Dão nas caras metades chicotada,
Ou quando são por ellas sacudidos
Com muita cacholeta e bofetada;
De tal sorte a estas *graças* presta ouvidos,
Que, por fim, não lhe escapa mesmo nada,
E até sabe dizer em phrazes bellas
Se a rasão d'elles era, ou era d'ellas.

Mas a todos bastante o *mestre* excede,
(O que me não espanta, que é barbeiro)
E com gentinha tal ninguem se mede
No officio de curioso verdadeiro;
Quem uma novidade só lhe péde
Tem certo o ouvir d'ellas um milheiro,
Pois barbeiro, seis mezes n'uma rua,
Sabe a vida dos mais melhor que a sua.

Ouvindo estes versinhos de chalaça
Não fiquem os barbeiros mal comigo,
E quando algum a minha barba faça
Não me queira dar golpes por castigo;
Mas desdiga, se rimas tambem caça,
Em verso tudo quanto em verso digo;
E saiba que isto em mim não é maldade,
Mas gosto de dizer o que é verdade.

Dou por feita a pintura ; e se me accusa
Alguem de mau pintor, e pouco exacto,
Não se esquente comigo, mas escusa
De me mandar tirar o seu retrato :
A quem disser que é pobre a minha musa
Pedirei que lhe compre melhor fato ;
E até mesmo os barbeiros, com quem mango,
D'esta obra digam mal, que eu nãome zango.

A queda do Neptuno do Loreto

—

O que é isso, Neptuno ? ! deus potente ? !
Perdeste a tua antiga sob'rania ? !
Já te escapa das mãos esse tridente,
Que as bravas ondas amansar sabia ? !

Desces do pedestal, que era teu throno,
Aonde carrancudo te ostentavas ? !
Acaso já não tens, alma de mono,
Enfurecidas ondas por escravas ? !

Já não tens um Tritão a teu serviço,
Que o seu buzio soprando a teu mandado,
Faça erguer em furioso reboliço
Numerosos heroes do mar salgado ? !

Não encontras do mar deuses valentes,
Capazes de fazer uma *bernarda*
Contra esses atrevidos, e insolentes,
Que te querem fazer hoje em mostarda ? !

«Lá n'essas antigas éras
Meu poder era sem par. . .
Governei. . . fui rei devéras. . .
Era meu o immenso mar ! . .
Levantando o meu tridente,
Via a meus pés de repente
Monstros mil de fórma ingente
Tremendo de me escutar ! . .

As ondas enfurecendo
Tudo sabia vencer ! . .
Porém foi enfraquecendo,
Dia a dia o meu poder ! . .

O destino, inda incompleto,
Concedeu que o meu espeto
No chafariz do Loreto
Mostrasse a quem o quiz ver!..

Porém da sorte os azares
Me qu'riam mais infeliz!..
Não bastava ao rei dos mares
Ser chefe d'um chafariz!..
Não bastou, dias inteiros,
Ouvir os cantos grosseiros
D'atrevidos aguadeiros,
Sentados nos seus barrís!..

Cedendo á furia tyranna
Da cam'ra municipal,
Desço como um vil banana
Do meu nobre pedestal!..
O vislumbre da grandeza...
Da minha antiga nobreza
Vae succumbir á fereza
D'um camarista brutal!..

Que mais resta ao fado escuro
Para augmentar meu soffrer?

N'algum cheiroso monturo
Ir, esquecido, viver!..
Como é fundo o meu tormento,
Vendo em tanto aviltamento
Quem no humido elemento
Teve sob'rano poder?..

Meu peito a custo resiste
A tão duro e cruel mal!..
Minha maior dôr consiste
Em ter nascido immortal!..
Neptuno!.. deus desgraçado,
Serás, apenas, lembrado
Por poeta improvisado,
Author de versos sem sal!..

Ouvi-me, ó gallegos — os saccos largando,
Cobrindo de crepes os vossos barris,
Soltae tristes prantos ao ver desabando
Quem póde na queda quebrar o nariz.

E vós, ó poetas de boa e má raça,
A quem fazer versos cansaço não faz,
Em tristes endechas cantae a desgraça
De quem do Loreto já foi capataz.

Aquillo é que são olhos!

—

São uns olhos... ou antes fachos,
Que accendem viva paixão!
São d'amor doces fogachos,
Que abrasam meu coração!...
São uns olhos penetrantes,
Que lançam fogos brilhantes,
Como ardendo chammejantes
Seis barricas d'alcatrão!

São uns olhos, que teem settas,
Que no peito ferir vem ! . .
Não houve, nem ha poetas
Capazes de os cantar bem ! . .
São uns olhos, que me rendem,
Que *fallam*, mas não se entendem,
E que dentro d'alma accendem
Um amor por hi além !

São olhos, que teem segredo
De dar vida n'um olhar,
E fazer morrer de medo
Da raiva no scintillar ! . .
São uns olhos d'alto preço,
Que formou o deus travesso
P'ra fazer virar do avesso
Quem não nasceu para amar !

São olhos onde se abriga
O tição d'amor a arder !
Teem muito que se lhes diga,
Nem eu mesmo o sei dizer ! . .
São, finalmente, primores !
Por elles morro d'amores. . .
Mas se canto os seus louvores
Digo asneira de tremer.

A Marilia.

—

Tenho pena, Marilia formosa
De não ser um poeta de truz,
Para em linda canção sonorosa
Ir cantar de teus olhos a luz.

Tenho pena de não achar musa,
Que me inspire versinhos d'amor,
Terno estylo, que agora só usa
Quem as bellas quer ter a favor.

Tenho pena se esbelta, uma dama
Lê meus versos com pouca attenção,
E no fim da leitura me chama,
Não poeta... mas sim um *ratão.*

Tenho inveja a mil bons trovadores,
Que em amor são perfeitos heroes;
E que pescam risinhos, e amores
Com seus versos, que servem d'anzoes.

Tenho inveja se vejo alguns vates
Fabricando versinhos de mel;
E apurando d'amor os quilates
P'ra caçar as pombinhas sem fel.

Tenho inveja... pois vejo que todos
Rendem todas as bellas, por fim,
Que, attrahidas p'los doces engodos,
Nem, sequer, uma fica p'ra mim!

Ter inveja é peccado, conheço,
Mas um *vate* não deve fingir;
E' por isso que aqui me confesso,
Nem eu devo a Marilia mentir.

Já que me tem tal quisilia
A doce musa d'amor,
Bem podias tu, Marilia,
Tranformar-me em trovador!..
Dá-me só um teu carinho,
Uma careta, um risinho,
Dize que sou teu bemsinho,
E verás que eu sou cantor.

A minha mente confusa
Então se ha-de illuminar...
Tendo Marilia por musa,
Terei condão d'encantar!...
Verás esta alma abrazada,
Por teus olhos inspirada,
N'essa tua agua furtada
O seu Parnaso encontrar!

Fallando do deus vendado,
Irei contente, meu bem,
Colhêr comtigo a meu lado
Florinhas, que o prado tem...
E que conversa amorosa,
Tão innocente e chistosa,
Ora em verso, e ora em prosa
Nós teremos lá tambem!

Em altos gozos submersos,
Sentindo encanto e prazer,
A's rosas faremos versos,
Se rosas por lá houver . .
Em doces trovas divinas
Cantaremos as boninas,
Flores grandes, pequeninas,
Sem uma só esquecer!

Em linda noite estrellada
Iremos, tu e mais eu,
Ver da lua *prateada*
Pallido rosto sem véu. . .
Subirei d'um serro á ponta,
E, com vista aguda e prompta,
De lá sommarei a conta,
Das estrellinhas do céu!

Poeta na lyra destro
Eu serei por teu favor,
Mostrarei prodigios de estro
Contando historias d'amor!
Historias de tal maneira,
Que em peitos de pedreneira
D'amor a doce fogueira
Hão-de accender com vigor!

Farei pasmosos romances;
E em tão subida porção,
Que hei-de fazer que te cances
Quando os leres ao serão!...
Verás o que são ternuras,
Chammas ardentes e puras,
Paixões, extremos, finuras
D'inspirado coração!

Ah! vem, Marilia, mostrar-me
O teu olhar, que seduz!..
Ah! vem o peito inspirar-me
Com tua divina luz!..
Faze que eu viva encantado,
E que te fique obrigado,
Sendo um vate assucarado
Qual pausinho d'alcaçuz.

MOTE

—

Faz annos D. Narcisa,
E Narcisa é o meu bem;
Quero levar-lhe um presente
A's escondidas da mãe.

Glosa

—

'Stou hoje muito contente,
Todo eu sou alegria,
Que para mim este dia
E' dos outros differente:
Trabalhe macio pente
A ver se o cabello alisa;
Vestirei fina camisa
Com mil pregas no peitilho,
Que este dia é d'alto brilho,
Faz annos D. Narcisa.

E' p'ra mim dia de gala,
Portanto, avante, haja luxo;
Que não passe eu por galucho,
Junto a quem meu peito abala:
Finas maneiras de sala,
Por favor, me ensine alguem;
Venha casaca, e tambem
De luvas mimoso par,
Que a Narcisa vou fallar,
E Narcisa é o meu bem.

N'este venturoso dia
De prazer eu dou pinotes,
E glosára trinta motes...
A tanto chega a mania!..
De portentosa harmonia
Vou compor hymno cadente...
Mas meu bem não mette dente
Se não em lettra d'imprensa,
E eu já, já, sem detença
Quero levar-lhe um presente.

Nada, nada de poesia,
Que será tempo perdido:

Vou-lhe levar um Cupido
Comprado n'uma olaria. . .
Não sabe mythologia,
Mas conhece-o muito bem. . .
Vou — e nada me detem,
Vou cheio d'amor bizarro
Dar-lhe um Cupido de barro
A's escondidas da mãe.

MOTE

—

Este mundo é todo engano,
E' todo contradicção;
Os pretos pintam de branco
Os brancos vendem carvão.

Glosa

—

Qu'rer encontrar a verdade
E' loucura n'este mundo;
Digo assim porque me fundo
No que vejo em quantidade:
Vejo em tudo falsidade,
Seja divino ou profano;
E colhi por desengano
Que a verdade, se ella existe,
Só n'este dito consiste:
Este mundo é todo engano.

Um tem por nome *Valente,*
Vou a ver, é um medroso,
Que tem medo até d'um gozo
Quando ladra e mostra o dente;
Outro, figura indecente,
De *Gentil* nome lhe dão:
Até já vi um anão
Que se chamava *Pinheiro*!
Oh! que este mundo bregeiro
E' todo contradicção.

Se vejo um chamar-se *Bello,*
Espero belleza rara,
Mas, olhando-lhe p'r'a cara,
Acho-o feio e amarello;
Outro chama-se *Camello,*
E de saber não é manco;
Um diz que se chama *Franco,*
Sendo usurario, aldrabão;
Té por mór contradicção
Os pretos pintam de branco!

Como hei-de eu ser verdadeiro
Se em mentir só vejo apuro!

Se até oiço chamar puro
Ao vinho do taverneiro!
Vou-me fazer embusteiro,
Pois é um grande aldrabão
Quem render adoração
A' verdade n'este mundo,
Onde, por erro profundo,
Os brancos vendem carvão.

MOTE

—

Este mundo está mudado,
Virou de pernas p'r'o ar;
Quem o viu, e quem o vê
Tem que rir, ou que chorar.

Glosa

—

Nasce a aurora; o céu é rôxo;
E, saindo da buraca,
Vae cantando alegre môcho,
Detestando a sombra opaca;
O passarinho encavaca,
E, de biquinho calado,
Esconde-se envergonhado
A chorar mil afflicções,
E diz com os seus botões:
Este mundo está mudado!

O pastor, deixando o campo,
Conduz o gado a dormir,
E vae vendo o pyrilampo
Por entre a luz a luzir!..
Começa o burro a carpir,
Sem se poder consolar;
Vê-se o boi, triste, a scismar
Em seu tormento profundo!..
E eu dizendo que este mundo
Virou de pernas p'r'o ar!

O mono já não se atterra,
Salta ao mar p'ra tomar banho,
E peixes de bom tamanho
Vem tomar o sol em terra!...
O rato ao gato faz guerra,
E vence — não sei porque!..
O frango se põe em pé
Para aggredir a raposa,
Que lhe diz toda medrosa:
Quem o viu, e quem o vê.

Os rapazes dão conselhos,
Vão rezando cem rosarios;

Feitos janotas, os velhos
Namoram por modos varios!..
As velhas nos diccionarios
Vão termos d'amor buscar!..
As meninas a fiar
Não têem nas almas imperio!..
Quem julgar que eu fallo sério
Tem que rir, ou que chorar.

Pieguices

—

Não trates, donzella, com tanto desprezo
Quem, vendo teus olhos, se abrasa d'amor,
Quem, vendo que és gorda—por isso de peso—
Até desejára trazer-te em andor.

Amor como eu sinto, n'um grau tão subido,
Meu terno bemsinho, não vês por ahi;
A' casa, de certo, vou ter do Polido
Se tu me não dizes:—eu morro por ti.

Sou vate da moda, componho versinhos
Mui ternos e doces, se tenho vagar,
E posso, cantando teus lindos olhinhos,
Chamar-lhes *estrellas d'amor a brilhar.*

Teus pretos cabellos, a testa espaçosa,
Teus dentes, teus labios, orelhas, nariz,
Eu posso, donzella, cantar em mimosa
Canção, que não seja de vate aprendiz.

Sou grande poeta ! . . Se não me acreditas
Te peço um momento de séria attenção;
E uns versos componho de coisas bonitas,
Como esses, que em moda p'ra muitos estão.

Amo o ver nas *salsas ondas*
Navegar *barco gentil*;
Amo as *pedrinhas redondas,*
Que ha na praia ás *mil e mil*;
Amo *auroras matutinas,*
Amo as *rosas purpurinas,*
Amo o *esmalte das campinas,*
Estrellas e céus d'anil!

Amo os ternos passarinhos,
Que soltam voz *divinal*,
Poisando sobre os raminhos,
Voando no salgueiral!..
Amo o pintasilgo, o ganso,
O canario e o picanço,
Pato bravo e pato manso,
Coxixo, melro e pardal!

Gosto do carpir das damas
N'uma noite de luar,
D'ouvir ao collo das amas
As creanças a chorar;
Gosto, sentado na loisa,
Onde uma bella repoisa,
De scismar em muita coisa,
Até dormir, resonar.

Amo ouvir cantar o grilo,
E a cigarra no verão,
Finalmente, tudo aquillo,
Que commove o coração.
Sou dos ternos trovadores,
Meus versos são lambedores,

Que accendem doces amores,
Chammas de viva paixão!

Já vês, ó minha bella, que é poeta
Quem versinhos assim sabe arranjar . .
Se alguem disser que sou grande pateta,
Não lhe dês attenção — deixa-o fallar.

Embora todo o mundo tagarella
Alcunhe os versos meus de baixos, vis;
Se tu gostares d'elles, minha bella,
Que mais preciso eu p'ra ser feliz?

Pura estrella d'amor, meus passos guia,
Vem ser inspiração d'este cantor!. .
Com teus divinos olhos allumia
Uma lyra, que está ao teu dispor!

Se o teu suave amor me prometteres,
Em sublimes canções hei-de bradar
Que tu és a rainha das mulheres,
E muita coisa mais que me lembrar.

Direi que és mais formosa que uma Venus,
Que excedes as deidades mais gentis,
Que vales para mim—nem mais nem menos—
Uma abundante mina de rubis!

Ah! não sejas, donzella, tão ingrata,
Tem dó d'este sensivel coração!..
O meu duro soffrer muda em frescata,
Torna este choramigas — folgasão.

Amor e nigromancia

—

Era a noite medonha, escura e feia,
Não brilhava no céu estrella e meia;
Piava ao longe solitario mocho,
E em seu ninho escondido o pintarrôxo
Não soltava um só pio! Andavam juntos,
Miando sobre as campas dos defuntos,
Mil negros gatarrões. . . de medo frios,
Ladravam para a lua os cães vadios. . .
O vento não bolia uma só folha,
Nem fazia mover n'agua uma rolha!

Ao longe, muito ao longe, se escutavam
Mysteriosos echos, que imitavam,
Uns o rinchar de vagabundos machos,
Outros surdas pancadas sobre tachos!
Era a noite medonha — o que se prova
Na pintura, que fiz, e dou por nova.

E eu, vendo que a cruel D. Balbina
Se mostrava a meus ais sempre ferina,
Fui consultar um sabio nigromante,
Que usava tres caveiras no turbante,
P'ra saber porque meio eu poderia
Domar aquella fera tão bravia.

Era a gruta do magico n'um ermo,
Onde não encontrei vinho do termo
P'ra me reanimar... porque eu tremia
Como dentro d'um banho d'agua fria...
Sentia o pello todo erguer-se a prumo,
E as pernas, a vergar, não davam rumo...
Porém, abrindo a caixa do tabaco,
Com valente pitada anímo o caco,
Avanço para a gruta; e em tom diverso
Ao grão magico assim fallei em verso,

Pois a gente tão sabia, tão famosa,
E' costume jámais fallar em prosa.

O' tu que do reino escuro
Tens a sciencia d'assombrar,
E no livro do futuro
Sabes ler sem soletrar,
A receita hoje me ensina
Com que eu possa da ferina,
Formosissima Balbina
O coração captivar!

Por quem és, vale-me, ó magico,
Que eu não sei viver assim!..
Não queiras que seja tragico
D'esta minha vida o fim!..
Se, para que me consoles,
Nos teus feitiços não boles,
Vou parar a Rilhafolles...
Ai! coitadinho de mim!

Se fizeres que Balbina

Por mim se abrase em paixão,
Hei-de dar-te uma terrina
Com sopa de camarão. . .
Ou, se acaso tens meninos
Travessos e pequeninos,
Uma torre com dois sinos
Te darei de papelão.

O magico escutou-me cabisbaixo,
E do meu requ'rimento por despacho,
Meneando a cabeça toda branca
E voltando p'ra mim feia carranca,
Estas vozes soltou, que ouvi calado,
E de frio terror petrificado.

«Triste amante, essa dôr, que te mata,
«Vae de certo findar d'esta vez :
«Has-de ver a teus pés essa ingrata
«Supplicar-te perdão em francez.

«Has-de vê-la, convulsa, entre prantos,
«A jurar-te fervente paixão. . .

«Ensaiando cantigas e cantos
«P'ra mover esse teu coração.

«Has-de vêl-a com ternos furores,
«De prazer dando pulos até;
«E, por ver se te accende em amores,
«Ir fungando porção de rapé.

«Has-de vêl-a (se tens boa vista)
«O seu erro passado a chorar;
«E lidando por ver se conquista
«Quem seu peito tentou conquistar.

«Aqui tens negras, magicas hervas,
«Que no averno fui hontem colhêr. . .
«Junta-lhe estas amargas conservas,
«E põe tudo n'um craneo a ferver.

«Por seis horas conserva nas brasas
«Este negro guisado infernal;

«E depois lhe mistura tres azas
«De morcego... ou de velho pardal.

«Co'este bello petisco tu pódes
«Amansar essa ingrata mulher,
«Besuntando-lhe bem os bigodes,
«Se bigodes a fera tiver.

Assim fallou o magico potente,
E eu, dando mil pinotes de contente,
As hervas aceitei. Fiz o guisado;
E, encontrando uma vez o bem amado
Dormindo á sombra de copado freixo,
Lhe untei bem os bigodes, mais o queixo
Com a tal burundanga... Oh! caso raro!
Não ha melhor remedio... e menos caro!
Ella acorda assustada, e mal me encara
Dá-me tão forte abraço, que amolgára
As costellas do meu peito robusto
Se me não livro d'elle a todo o custo!
Jurou-me alli paixão... jurou sem medo
Ter constancia maior do que um penedo;
Jurou curva a meus pés, dando soluços,
Adorar estes meus cabellos ruços;

E, finalmente, fez quanto affirmára
O magico bom d'alma, e mau de cara.

Donzellas formosas, se tendes jactancia
Em serdes ingratas, em serdes crueis,
Sabei que aos poderes, que tem nigromancia,
Os peitos mais fortes não valem dez réis!

Quem tem, como eu tenho, receita famosa
Não teme das bellas o fero rigor;
Um dia em que eu queira—da mais desdenhosa
Oiço estas palavras: tu és meu amor!

Feliz sou devéras! Com este segredo
Desprézo das bellas cruentos desdens!
E a todas eu digo, clamando sem medo:
—Não tróco a receita por quatro vintens!

DORES E AMORES

No album d'uma senhora

—

Passo dias infelizes,
Sem poder nunca estancar,
Nos olhos, dois chafarizes,
Mas d'agua quente, a escaldar.

F. X. DE NOVAES—Desesperação.

—

Donzella formosa, por ver que me obriga,
Pedindo-me versos com taes attenções,
Lá vae esta minha singella *cantiga*,
Já que eu metter dente não posso em canções.

Se achar que meus versos não são, como pensa,
Mui ternos, mui doces, quaes favos de mel,
Bem póde queimal-os—que eu dou-lhe licença,
Nem hei-de por isso chamar-lhe cruel.

Não tento rendel-a—que a lyra me guincha
Na pobre cantiga, sem chiste nenhum;
Mas só ver se alcanço, por grande pechincha,
De seus mil agrados, ao menos, só um.

Com essa ventura será satisfeito
Um triste poeta de pouco valor,
Que aqui se confessa ser falto de geito,
Compondo versinhos, que cheirem a amor.

Tu me pedes, minha bella
Sons ternissimos d'amor,
E eu, sem ter a guela
D'italiano cantor,
Ao som de triste viola
Vou soltar a *cantarola*
Da mais negra, amarga dôr.

Vivo em ancias... vivo mesmo
Na chamma, que me abrasou...
Que em resequido torresmo
Meu coração transformou!..
A negra, a feia desgraça,

Como teimosa carraça
Em minh'alma se ferrou!

Do sol os brilhantes raios
Já não vejo ha mais d'um mez,
Nem a lua em seus desmaios,
Que eu já vi por tanta vez!..
Não vejo no prado flores,
No jardim não vejo amores!..
Será peneira? — Talvez.

Não vejo as aves mimosas,
Que entre os ramos se entreteem,
Nem ligeiras mariposas
Beijando o lyrio, a cecem!..
Não oiço a voz da cigarra,
Nem tocando na guitarra
Quem das hortas gueço vem!

Soffro muito... soffro immenso,
Não faço senão chorar;
Trago na mão sempre o lenço
Para meu pranto enxugar!..
Mas as lagrimas, ligeiras,
Escorrem como gotteiras,

E não as posso estancar!

Ninguem sente as minhas maguas,
Quando soffro, e chóro assim;
E, ao verem do pranto as aguas,
Fazem escarneo de mim!..
Um me faz uma careta,
Outro chama-me pateta,
Diz que tenho a bola ruim!

Sólto suspiros mais fortes
Que os rugidos d'um leão,
E da dôr entre os transportes,
Cáio de bruços no chão!..
E, para maior desgraça,
Um homem de bem não passa,
Que me estenda a sua mão!

Se me deito com desejo
De meus males socegar,
Lá começa um realejo,
Desafinado, a tocar!..
E o que move a manivela,
Sem lhe dar uma *cravela*,
Não me deixa descansar!

Só sonho com feiticeiras,
Bruxos, bruxas de tremer,
Que me arrastam as cadeiras,
Infernal bulha a fazer!..
E não ha coisa, que valha
Para espantar a canalha,
Que o somno me faz perder!

Entre as garras da agonia
Passei tormentos d'horror,
Sem saber d'onde partia
A causa da minha dôr...
Scismei por noites inteiras;
E vi que estas brincadeiras
Eram effeitos d'amor!

E dizem por hi as gentes
Que o amor causa prazer,
Quando dôres tão pungentes
Elle me faz padecer!..
Vendo em mim tão triste espelho,
Não sei como haja um fedelho,
Que seu servo queira ser!

Tu és a causa, Cupido,

D'esta minha dòr voraz,
Que me faz andar perdido,
Qual fóra d'agua um goraz!..
Tens settas envenenadas,
Mereces palmatoadas,
Endiabrado rapaz!

Cantei como pude, formosa menina;
Se viu nos meus versos doidices sem fim,
Bem póde queimal-os, que não me amofina
— Fornalha com elles — eu cá sou assim.

Mas se eu n'esta lyra d'amores fingidos,
Cantando tristezas, o riso lhe dei,
De certo meus versos não foram perdidos;
Não quero mais glorias, e digo — ganhei.

No album do meu amigo José Rodrigues

—

Ha coisas por este mundo,
Que dão vontade de rir;
Um Tolentino segundo
Tinha muito em que bolir!
Sou poeta — só por teima —
E esta constante toleima
Não perco, por mais que faça;
Mas devo ser desculpado
Por dar credito ao ditado:
Quem porfia mata caça.

Se alta musa me sorrisse
Não chorára amores — não,
Porque para a pieguice
E' preciso vocação;
Nem cantára das donzellas
As rosadas faces bellas,
O cabello preto, ou loiro;
Porque muita dama agrada
Por milagres da pomada:
Nem tudo o que luz é oiro.

Não cantára lá do prado
Meigas rosas purpurinas,
Que é assumpto já cansado,
E' só proprio de meninas:
Cheira bem a rosa bella
Mas uma isca de vitella
Cheira, agrada muito mais!..
Digam que sou de mau gosto,
Que a teimar não 'stou disposto:
Os gostos não são eguaes.

Qu'ria ser poeta; — e quando
Visse elegante janota

Uma dama namorando,
Que só d'elle faz chacota;
Fazer versos d'improviso,
Pôr-me em frente do *Narciso*,
Cantal-os, batendo o pé,
E dizer-lhe, de caminho:
O que fazes, meu tolinho,
E' remar contra a maré.

Quando visse uma donzella
A dar attenção a dois,
Namorando da janella,
Um primeiro, outro depois;
Engendrára um epigramma,
E fôra off'recel-o a dama
N'estas phrases tão bizarras:
— Não dás á costa, concordo,
Tens dois pilotos a bordo,
'Stás presa a duas amarras.

Se achasse velhas patetas
A quem o baile recreia,
Em quanto ficam as netas
Em casa fazendo meia...

Isso então só a chicote,
Que toleima d'este lote
Em versos não se reprova:
Velha, que assim desatina,
Quer figurar de menina,
Andando co'os pés p'r'a cova.

Quando visse um grande gebo
De cabecinha no ar,
Com chinó cheio de sebo
As bellas a namorar;
Teria por meu regalo
Noite e dia apoquental-o,
Fazer-lhe perder esp'ranças
D'inda um dia ser feliz,
Pôr-lhe nas costas com giz:
Duas vezes somos creanças.

Quando visse criadinha
Repimpada na janella,
Conversando co'a visinha
Sem lhe lembrar a panella;
Fôra em verso descompol-a,
Pôr-lhe nos olhos cebola;

E, rindo ao vel-a chorar,
Dizer-lhe : — cachopa, olé !
Marche lá p'r'a chaminé :
Cada qual no seu logar.

Se visse, d'airoso fato,
Uma dama d'altos brilhos
Fazendo festas ao gato,
Em quanto choram os filhos ;
Quizera bem castigal-a,
E ver o gato arranhal-a
No nariz, té fazer chaga,
E dizer-lhe em tom magano :
Faça festas ao bichano :
Amor com amor se paga.

Se visse um pobre pachola,
Que amargos dias passou,
E deu ás almas esmola
Quando a mulher expirou ;
Buscando nova cadeia
Porque em risonha *sereia*
Encontrou magico engodo,
Moera-o sem compaixão,

E ensinára-lhe o rifão:
Boi solto lambe-se todo.

Quando achasse uma *Excellencia*,
Filho do sol e da lua,
Que, por bazofia, ou demencia,
Deita o seu dinheiro á rua;
E, por fim, vendo-se pobre,
Abate a prôa de nobre
Na presença do agiota...
Versos a este não faria,
Mas sómente lhe diria:
Gota a gota o mar se esgota.

Se visse um nobre casado
Com um anjo tentador,
Viver sempre apoquentado
Ao lado do seu primor;
E, feito triste maricas,
Supportar-lhe muitas nicas
Em trôco d'alguns carinhos;
Diria á tal *Excellencia*:
Amigo, tenha paciencia,
Não ha rosas sem espinhos.

Quando encontrasse alguns vates
Compondo semsaborias,
E, rimando disparates,
A suar por coisas frias;
Com esses não me zangava,
E não só lhes perdoava,
Fôra delles amiguinho,
—Té os levára ao Izidro:
Quem tem telhados de vidro
Não atira aos do visinho.

A sorte de Hespanha

—

Sonhei ter entrado nas sortes d'Hespanha;
Sonhei que batiam na porta — *traz, traz;*
Sonhei que acordára com bulha tamanha,
Que á porta ir correndo, com susto, me faz.

«Quem é o patife... quem é o maroto,
«Que as horas do somno me vem perturbar?
«—Sou eu,» me responde de fóra um garoto,
«Que alviçaras venho, correndo, buscar.»

Eis que eu abro a porta, contente e ligeiro,
A voz conhecendo do tal galopim;
O qual me entra em casa gritando: «dinheiro,
«Saíu-lhe a *taluda*!.. e deve-a a mim.

«Ha já quem rebata sem ter inda a lista...
«—Pois vamos a isso,» lhe digo — e saí;
E fomos a casa d'um gordo cambista,
Aonde o bilhete feliz rebati.

Depois dei de peças um grande punhado
A quem a noticia me deu d'encantar;
E vim para casa mui bem carregado
Com carga, que agrada, não custa a levar.

Que grande prazer! Que espantosa alegria!
Não sei se outra egual n'este mundo terei!..
Sómente por artes de vil bruxaria
Com taes sobresaltos eu não acordei

Eis-me scismando em projectos
De bons palacios comprar,

E os sobrados mais os tectos
Mandar a todos doirar. .
Dizia : — quero uma quinta,
E entre a nobreza *destincta*
Figurar de figurão. . .
Quero ostentar bizarria,
Preciso uma baronia,
Que morro por ser barão !

Ser barão ! . . . ter excellencia !
E' mais que o manná do céu ! . .
Ver todos com reverencia
A tirarem-lhe o chapéu ! . .
Ver ignorantes e sabios
Com respeito abrindo os labios
Quando lhe querem fallar ! . .
Que tit'lo tão bello e *raro*,
E, custe barato ou caro,
Heide-o por força comprar.

Tambem serei deputado,
E bom progressista — olé !
Porque homem endinheirado
Póde ser ministro até.

Embora a todo o momento
Contra meu fraco talento
Berre a imprensa a mais e mais,
Que hoje em dia, de ordinario,
Sempre se entende o contrario
Do que se escreve em jornaes.

Da fidalguia a molestia
Já sinto — e agora verão
Como é que um *José da Vestia*
Se transforma n'um barão.
Amigos e conhecidos,
Não se espantem se esquecidos
Eu — *por ser nobre* — os fizer;
Desculpem-me o ser basbaque,
Porque a toleima é ataque
Egual a outro qualquer.

Entrarei em companhias,
Bom dinheiro ganharei,
Mil graúdas senhorias
A meus pés as curvarei;
E, p'lo progresso a dar berro,
Farei caminhos de ferro

Com a mesma promptidão
Com que os promettem cartazes,
Ou como fazem rapazes
Lindas bolhas de sabão.

Co'a minha sorte d'Hespanha,
Vou dar muito que fallar,
Pois tendo dinheiro, e manha
Quem não hade figurar!
— Assim sonhava, gostoso;
Mas persovejo, invejoso,
Da ventura apaga o sol...
Acórdo d'idéas tontas,
E acho só, por fim de contas,
O travesseiro e lençol.

Agora já vejo não conta patranha
Quem diz que o dinheiro, por mais d'uma vez,
Transtorna as idéas, que a sorte d'Hespanha,
Té mesmo sonhada, maluco me fez.

Quero e não quero casar

—

Tenho no peito um desejo
— O desejo de casar —
E quando n'elle me vejo
A's vezes a meditar,
Dou taes voltas ao miolo,
Que, temendo ficar tolo,
E mais do que tolo até,
Abro a caixa do tabaco,
E, p'ra ver se anímo o caco,
Encho as ventas de rapé.

— Quero casar — porque entendo
Que o ter uma companheira,
Já se vê, formosa sendo,
Nunca foi nenhuma asneira.
—Não quero — nem a mais bella,
Se me lembro que póde ella
Ser teimosa, ser dragão;
E andaremos (feia esgrima)
Qual debaixo qual de cima
A jogar o cachação.

— Quero casar — porque a vida
A mulher sabe encantar,
Se sincera, e não fingida,
Em amor nos vem fallar.
—Não quero — que o seu carinho
Se é leal não adivinho,
Pois não tenho esse condão;
E não sei de que maneira
Da mulher que é verdadeira
Se conheça o coração.

— Quero casar — porque um anjo,
Que d'amor conserva a fé,

Sempre faz bastante arranjo
A quem seu marido é:
Varre a casa, escova o fato,
A' bocca lhe chega o prato
Quando o homem tem fastio;
Porém, se tenho lembranças
De que hei-de embalar creanças,
Ai, que susto!.. eu me arrepio!

— Quero casar — sem demora,
Vendo um marido a deitar
Os bofes p'la bocca fóra,
A mulher a elogiar.
— Não quero — se vejo aos centos
Maridos, que os casamentos
Maldizem cheios de dôr,
Rogando mil e mil pragas
A's, que no peito abrem chagas,
Bicudas settas d'amor.

— Quero casar — quando pura
Vejo donzella sem par,
Que em meiguice e formosura
Nada deixa a desejar:

Seu rosto muito me agrada,
Sua voz, qual voz de fada,
Enleva-me o coração...
Porém posso ter certeza
De sempre sentir accesa
Dentro d'alma esta paixão?!

Se em casar scismo um pedaço
Sinto os miolos a arder,
Vejo-me em tanto embaraço
Que não sei que hei-de fazer:
D'um lado vejo venturas,
Gozos, delicias doçuras,
Das taes chamadas d'amor:
Este quadro é engraçado,
Mas, virando-o do outro lado,
Mette medo...causa horror!

Casados eu tenho visto
Rirem uns, outros chorar;
A' vista de tudo isto
Que farei? Devo casar?
— Não — por'ora é acertado
Conservar-me n'este estado,

Que mau de todo não é:
Fique o negocio em atrazo;
Scismando melhor no caso,
Irei tomando rapé.

Um passeio ás hortas

—

Uma tarde saí na fraca sola,
E p'ra dar um passeio fui ás hortas
Ver esses amadores da pingola,
Que animam com *bom* vinho as tripas mortas;
E, despejando, a rir, muita quartola,
Não atinam á noite com as portas;
E o espectac'lo dão a todo o povo,
Que o *Taborda* nos dá no *vinho novo.*

A certa quinta eu chego; e vejo escripto
No alto do portão gordo lettreiro,
Onde o dono da casa tinha dito
A mentira maior d'um taverneiro:
Dizia: «*vinho bom, e peixe frito,*
«*E tudo sem gastar muito dinheiro*;»
Mas o peixe era bom só para gatos,
O vinho nauseante *mata-ratos.*

Entro em quinta espaçosa, onde se viam
A' sombra de parreiras bancas largas;
Alli bons patuscões se divertiam
Esquecendo de dôr horas amargas;
Se comiam mui bem, melhor bebiam,
E, soltando de riso mil descargas,
Mostravam que a alegria verdadeira
Morava alli debaixo da parreira.

Chiava na esquentada frigideira
O magro carapau, secca sardinha,
Que mascarrada e velha cozinheira
Frigia lá n'um canto da cozinha:
Este bello petisco ao longe cheira,
E consola os narizes da gentinha,

Que por ter appetite a toda a prova,
Nada lhe sabe mal, nada reprova.

Em um prato na borda já quebrado,
E que inda uma só vez não viu limpeza,
Se via um alto monte levantado
Do peixe, que frigiu *tia* Thereza;
E que esperava em breve ser levado
D'alli, appetitoso, para a mesa,
Junto com as salgadas azeitonas,
Que sabem arranjar famosas *monas*.

Ao balcão se divisa, gordo e nedio,
Vermelho taverneiro arregaçado,
Que vae vendendo a todos o remedio,
Que se bebe contente, e de bom grado;
Que dos mortaes afasta o negro tedio,
Faz um homem feliz d'um desgraçado;
E, dando nas guelas larga rega,
Transforma uma barriga n'uma adega.

Um requer um quartilho, outro canada,

Este pede do tinto, aquelle branco,
Um bebe mesmo em pé, porque lhe agrada,
Outro vae-se sentar além n'um banco;
Est'outro deixa o copo sem ter nada,
Aquell'outro em pagar mostra-se franco,
E todos n'estes bacchicos trabalhos
Põem as tripas mui bem de vinha d'alhos.

Depois canta-se em côro alegre moda,
Ao som de cavaquinho acompanhada,
E aquella *santa* gente pula toda
Em dança muito bem cambaleada;
De quando em quando o copo gyra em roda
P'ra tornar a funcção mais animada:
Riem todos alli, fazem-se apostas,
Uns caem de barriga, outros de costas

Aonde é mais direito e liso o trilho
Se vêem de cachimbo, ou de cigarro,
Jogando como mestres o chinquilho,
Alentados pimpões, qual mais bizarro;
Nas faces se lhes vê vermelho brilho,
Pois, tendo ao lado seu, bilha de barro,
De quando em quando bebem largos tragos

Do licor que se extrahe dos roxos bagos.

Este balsamo santo das tavernas
Em todos novo ardor cria e desperta,
Faz-lhes de dia ver muitas lanternas,
Dá-lhes vista melhor, e mão mais certa;
Embora muita vez lhes verguem pernas,
Não afrouxam, não cansam n'esta festa;
Ha tal, que, quando a bilha põe vazia,
Faz melhor ao paulito a pontaria.

Quentes, e de suor bem alagados,
Por causa de atirar pesada malha,
Não receiam o ver-se constipados,
Pois teem perto o remedio, que não falha;
Não jogam a dinheiro; os derrotados,
Os que ficam vencidos na batalha
Renhida, e fortemente disputada,
Mandam vir para o rancho uma canada.

Além, no chão sentados, mui contentes,
Vejo creanças, homens e mulheres,

Ferrando em carne assada avidos dentes,
Tendo, apenas, os dedos por talheres;
Uma caneca e dois copos diff'rentes
Cheios d'esse licor, que dá prazeres,
Gyram de mão em mão, de bocca em bocca,
Até que todos elles tenham *touca.*

Mais ao longe outro grupo se divisa,
Onde dois valentões, rapazes guapos,
Ambos elles em mangas de camisa,
Esmurram os narizes com sopapos:
Um arranha do outro a cara lisa,
E as calças de cotim lhe faz em trapos;
Mas este puxa logo de navalha,
E prepara-se a dar cruel batalha.

Eis se levanta um velho, a quem os gazes
Do vinho transtornaram a caveira;
P'ra fazer entre os dois depressa as pazes
Se expressa, em alta voz, d'esta maneira:
«Schiu, schiu! pouco barulho... olé! rapazes!
«Olhem que é muito feia brincadeira
«Por causa d'um namoro haver quisilias,
«Que pódem dar desgostos ás familias.»

Erguendo ao ar, então, uma caneca
De loiça — se não fina, nacional —
Ergue tambem a voz, e os bofes secca,
Prégando um sermão grande de moral:
«Desordens p'ra que são?.. Leve-as a breca!
«Haja harmonia em todo o *Portugal!*
«Rapazes... aqui teem... vá... uma pinga...
«Meu amigo não é quem mais resinga.»

O famoso discurso improvisado
Convence estes pimpões, que se aggrediam,
E, amigos outra vez, um do outro ao lado,
Pela mesma caneca os dois bebiam;
Com palavras sinceras, e de agrado,
Da lucta muito bem se arrependiam;
E, jurando amisade até á morte,
Arranjavam piella muito forte.

Mas eis que se aproxima a noite escura,
E toda aquella gente, satisfeita,
O caminho de casa, então, procura,
Cantando pela rua, que acha estreita:
Um encosta-se ao muro, e se segura,
Outro tropeça aqui, alli se deita;

E, chegados a casa, bem se julga
Que dormem sem sentir nem uma pulga.

Não sei se esta pintura está completa,
Ou se o quadro precisa alguns retoques;
Que o diga quem tambem se faz poeta
Fazendo abrir ás pipas os batoques;
Que o diga; e se quizer, tome a *palheta*,
Dê-lhe com seu pincel ultimos toques,
Que este quadro que fiz, não d'encommenda,
Se m'o derem por bom, vou pol-o á venda.

Uma pura verdade

—

Hoje em dia o homem rudo
Affecta grande saber,
A fallar sempre de tudo
Sem de nada perceber:
Quem quizer fazer figura
Não se canse na leitura,
Não precisa d'estudar;
Tenha só atrevimento,
E, p'ra ter descaramento,
A cara mande estranhar.

Na bocca não tenha rolha
P'ra de tudo dizer mal,
E censure, sem escolha,
O que pouco ou muito val;
Roube d'outro os pensamentos,
Apregoe os seus talentos
Pelas praças e cafés,
Diga ao mundo: eu tenho fama,
Tenho escripto muito drama,
Muito chistoso entremez.

Peça aos amigos matutos
Que lhe façam elogio,
A trôco de tres charutos
Com podridão, e bafio;
E se elles são litteratos,
E soffrem os mesmos flatos
De qu'rer por força brilhar,
Então faça-se o ajuste
De qualquer, sem que lhe custe,
O outro sempre louvar.

E, descoberto o engano,
Conhecida a estupidez,

Vá sempre marchando ufano,
Não se arrependa uma vez;
E diga: — roubei, é certo,
Mas o litterato esperto
Sabe roubar — e faz bem;
Se tive lôas compradas,
Essas contas 'stão saldadas,
Não devo nada a ninguem.

Um certo ar d'importancia
Tambem muito lhe convém,
Ter nos gestos elegancia,
Olhar todos com desdem;
Fallar em tom empolado,
Imitar um deputado,
Escrever para os jornaes:
Siga qualquer este rumo,
Que, embora isto seja fumo,
E' fumo que céga os mais.

Que farei?

—

Anda cá, minha musa, não me fujas,
Não te escondas da luz como as corujas,
Vem inspirar-me um canto papa-fina,
Que se possa chamar *canção divina*;
Recompensa o amor, que em ti emprego,
De mim faze um Camões — mas sem ser cego.

Mas o que cantarei? As mil proezas
Do traquinas Cupido? as espertezas,

Que elle usa quando n'alma accende as tochas,
E espeta em corações duras garrochas?
— Não — porque me diria um atrevido
Que um capinha eu cantára, e não Cupido.

Pintarei este heroe, e Venus bella
A darem fortemente á taramella
Acêrca da maneira mais segura
D'amolar os farpões? — Fôra loucura,
E póde ser que alguem que o quadro visse
Chamasse ao meu assumpto pieguice

O retrato farei do Cupidinho,
Menino folgazão, bochechudinho,
Que nas suas fadigas se não poupa,
Disparando uma setta á queima-roupa
N'um triste coração, que logo, logo
Que a ponta lhe tocou accendeu fogo?
— Não — que diria alguem: é grande asneira
Fazer um coração de pedreneira!

Descreverei aqui dura batalha,
O zunir pavoroso da metralha,
O toque de trombetas e tambores,
Que faz com que o soldado a seus senhores

Obedeça, avançando para a brecha,
Que de si 'stá lançando dura ameixa?
Pintarei batalhões mui aguerridos,
Que, pelejando fortes e atrevidos,
Vão ganhando tropheus, loiros chibantes,
Por matar, como heroes, seus semilhantes?
— Não — tambem taes pinturas eu não busco,
Pois cheiram a murrão, mais a chamusco.

Pintarei a singella pastorinha,
Que vae encher o cantaro á fontinha,
E fallar ao amante? As mil finezas
Que dizem um ao outro; essas firmezas,
Que juram, sem receio, até á morte?
— Tambem não farei versos d'esta sorte
Porque estão esgotados taes assumptos
Por mil poetas vivos, e defuntos.

Pintarei as florinhas de mil côres,
Que esmaltam com seu brilho e seus primores
O lindo, ameno prado? Esse perfume,
Que accende o trovador no ethéreo lume,
E lhe desperta amor?—Não — que as florinhas,
Que, na verdade, são lindas coisinhas,
Pertencem ás meninas; e são ellas
As que devem pintar coisas tão bellas.

*

Pintarei a fagueira e linda aurora
Doirando o cume da montanha, e fóra
Já de seu ninho as aves melindrosas,
Soltando mil canções mais sonorosas,
Que as de eximia cantora italiana?
— Fôra bella a pintura, e causa gana;
Porem jámais será cantor d'auroras
Quem, como eu, se levanta ás nove horas.

Erguerei á amizade um puro canto
Cheio do mais sublime, e doce encanto:
Pintarei um amigo dedicado,
Que é capaz de off'recer a vida, ousado,
Para a outro salvar? — Não — que é provavel
Que me dissesse alguem: assumpto amavel,
Que, na verdade, honrando a creatura,
Não passa muito avante da pintura.

Um baile pintarei, onde as meninas
Dançam com seus amaveis pernas-finas
Lindas mazurkas, polkas e outras danças,
Que lhes trazem d'amor ternas lembranças?
— Tambem com taes pinturas não engraço,
Que para danças ver não dou um passo;
E entendo que não tem o melhor gosto
Quem, por muito pular, se vê exposto

A apanhar dôr de peito, a constipar-se,
E d'esta p'ra melhor, breve, mudar-se.

Soltarei, a chorar, canto funereo,
Mais triste que o mais triste cemiterio?
Fallarei em cyprestes, aves varias
Piando sobre as campas solitarias,
Infundindo terror? — Deus me defenda
De ser eu um poeta com a prenda
De causar ás meninas grande espanto,
Tornando-as amarellas com meu canto.

Pintarei a medonha tempestade
Toldando o ceu de feia escuridade;
Um vento a sibilar, que tudo abana,
Grossa chuva a caír com furia insana,
Relampagos medonhos fuzilando,
Trovões com seu estrondo amedrontando
Os miseros mortaes? — Não — tal não quero,
Pois com esta pintura só espero
Assustar por ahi alguns simplorios,
E fazer abrir muitos oratorios.

Então o que farei? se nada vejo
Que possa contentar o meu desejo?...

Ah! já sei — bem lembrado — nada agrada?
— Pespego-me a dormir, não faço nada.
E tu, ó musa minha, tem paciencia
Se hoje te encommodei; com tua ausencia
Um mui grande favor aqui me fazes:
Musa não faças caso: — são rapazes.

Será verdade?

—

Dizem que o mundo anda errado,
Que abriga em si mil traições;
Que por um homem honrado
Ha milhares de ladrões;
Que é luxo ser falsa a b'lleza,
E que se poz na *pireza*
A divina e sã moral;
Que o vicio subiu ao throno,
E que a virtude de somno
Soffre um ataque formal.

Dizem que a rapaziada
Vae seguindo um trilho mau,
E que da honra na estrada
Não quer entrar nem a pau;
Que já não ouve conselhos
De prudentes sabios velhos,
Que lh'os davam p'ra bons fins;
E, saída dos cueiros,
Vae jogar os seus dinheiros,
E troçar nos botequins.

Dizem que agora os velhotes
Tambem querem namorar,
E com seus ternos dichotes
As meninas captivar;
Pois, deixando antigualhas,
Deitam á rua as cangalhas,
E compram p'r'as bellas ver,
Mui delgadinhas lunetas,
E vão fazendo caretas
Para n'um olho as suster.

Dizem que as velhas carochas
Namoram como ninguem,

E em frescatas e bambochas
Gastam tudo quanto teem;
Querem luxo, querem modas,
Vestidos de largas rodas,
Sapatinhos de primor;
E teem tão oucas cabeças,
Que ás meninas pedem meças
No que toca a ter amor.

Das meninas... 'stamos fartos
D'ouvir sempre dizer mal;
Dizem cobras e lagartos
De seu peito desleal!
—Não sei se fallam verdade,
Ou se de grande maldade
Tamanha zanga provém;
Mas não quero saber d'isso,
P'ra ver se apanho derriço
D'ellas sempre direi bem.

Tudo está fóra dos eixos!
Diz por hi muito senhor,
Que tem por baixo dos queixos
Sérias barbas de valor...

Porém ande tudo *gueço*,
Que isso mesmo tem apreço,
Se não p'r'os outros, p'ra mim;
Ande o mundo em reboliço,
Que não sou espantadiço,
Gosto d'elle mesmo assim.

Quem me dera ser poeta!

—

Quizera ser vate, ter lyra vibrante
P'ra n'ella meus hymnos cadentes cantar;
Mas tenho *sanfona*, de som dissonante,
Que as musas travêssas não vem afinar.

Co'os doces encantos da meiga harmonia
Não podem meus cantos mover corações;
E sei que, mil vezes, até se arrepia
Quem ouve *essas coisas*, que eu chamo canções.

A's lindas donzellas de rosto fagueiro
Meus versos sem chiste não causam prazer;
Se ás vezes lh'os leio, d'amor o braseiro
Em seus ternos peitos não vou accender.

Imploro mil vezes o deus do Parnaso,
Pedindo-lhe ternas, sonoras canções;
Mas elle — se me ouve — de mim não faz caso,
Embirra comigo... não sei as razões.

Que o Apollo não me inspira
Sabe quem meus versos lê;
Porém eu deixar a lyra
Não posso — não sei porquê.
Quero ser poeta á força;
E, dando pulo de corça,
Faço mil versos n'um mez...
Porque será esta teima?
Será, acaso, toleima?
Será mania? — Talvez.

Será porque d'alta gloria
Eu tenha grande ambição,

E queira deixar na historia
O meu nome? — Acho que não.
Desejarei os thesouros
Dos *mimosos*, verdes louros,
Que os vates querem ganhar?
— Nada — com tal não engraço
Porque escabeche não faço,
Nem taverna quero ornar.

— E' mania — e muito forte,
Não tem nada que saber;
E manias d'esta sorte
São difficeis de perder!
— E' meu fado aldrabar versos,
E com repiques diversos,
Uns em *ar*, outros em *ão*,
Muitas vezes repetidos,
Ser flagello dos ouvidos
De todo o fiel christão.

Ah! que, se eu fosse poeta,
Nos tafues do grande tom,
Em me chegando a veneta
Daria sem tom nem som!..

As enfeitadas velhotas,
As casadas, que janotas
Inda se querem mostrar,
As bellas com cem namoros,
E mil outros desaforos
Havia de castigar.

Pensam lá que choraria
Tristezas, que o mundo tem,
Ou que d'uns olhos diria
Bellezas por hi além?!
Qual historia! — taes assumptos
Não valem bem todos juntos
O trabalho, que nos dão:
Ter má lingua só quizera,
Porque, então, descompozera
A muito parlapatão.

E poria á mostra a calva
De certos grandes ratões,
Que para a patria *ser salva*
Trabalham em eleições;
Compram votos por dinheiro,
E, fazendo alto berreiro

A louvar quem tem mil *caras*,
Ficam cheios como um ovo,
Enganando o triste povo,
Que inda engole estas araras.

Quem me dera ser poeta!
Toda a vida assim direi,
P'ra ferir d'aguda setta
Sujeitinhos que eu cá sei!
— São uns temiveis velhacos,
Que empalmam muitos patacos
A trôco só d'orações,
Escondendo noite e dia
A mais vil hypocrisia
Na capa de santarrões.

Tambem levaria surra
Quem na usura se consola,
E para atulhar a burra
Põe muitos pedindo esmola;
Diria mal dos bandalhos,
Muito embora os meus trabalhos
Fossem trabalhos sem fim;
E, sentindo-me cansado,
Talvez que, por desenfado,
Dissesse até mal de mim.

Um papa rapé.

—

O maior prazer que eu sinto
No mundo, sabem qual é?
— Acreditem, que não minto —
E' fungar bello rapé.
A saborosa pitada
Não só ás ventas agrada,
Chega ao caco, e dá-lhe tom:
Quem quer ter boas idéas
Funga rapé ás mãos cheias,
— Bem entendido — do bom.

Conhecendo tal verdade,
Nunca largo este bahu,
Tenho-lhe tanta amizade
Como gato a peixe cru.
Uma pitada — *do grosso,*
Da *reserva* — antes d'almoço,
Ai! Pae do ceu! que prazer!...
Sente um tal vigor a bola
Qual se da vida na mola
Dessem azeite a valer!

Toda e qualquer creatura,
Seja femea, ou seja macha,
Se segue a litteratura,
E'-lhe forçoso ter caixa;
Pois é claro, e muito claro,
Que p'ra ter engenho raro
E' necessario fungar...
— E não pensem que isto é graça:
Vejam lá se uma fumaça
Já pôde alguem inspirar!

Pois aquelle, que faz versos?
Que é vate do grande tom?

— Sem rapés tomar diversos
Não arranja um verso bom.
E não se espantem: — Apollo,
Que não era nenhum tolo
No mythologico ceu,
Tinha uma caixa de buzio,
Que Neptuno, o macambuzio,
Por brinde d'annos lhe deu.

As sabias musas fagueiras,
Quer acreditem, quer não,
De famosas tabaqueiras
Tinham todas presumpção:
Nem fica mal a uma dama
Alcançar no mundo fama
De tabaquista — que até
Muitos se têem encantado
Vendo um nariz delicado
Fungar com ancia rapé.

Oh! que prazer me enche o peito,
Quando vejo uma belleza
Cheirar com todo o preceito
Fino rapé da princeza!...

Sinto em mim tamanho abalo,
Que, trotando, um bom cavallo
Parece o meu coração. . .
Perco a cabeça. . . enlouqueço. . .
Fico, qual mono de gesso,
Assim, n'esta posição.

E digo : — ó tu, bella dama,
Que entupes esse nariz,
Despertas em mim a chamma
De terno amor, bem feliz !. . .
Quero unir-me á tua sorte,
E com doce paixão forte
Cantar sempre em teu louvor !. . .
Ah ! casa com este *pato* !. . .
Vamos viver no *contracto*
Entre tabaco e amor !

Na cadeira repimpado
O serio e recto juiz,
Sempre tem a caixa ao lado,
Consolo do seu nariz ;
E das leis no labyrintho
Entra, profunda, e — não minto —

Decifra as mil confusões:
Se nem sempre o reo castiga
E' culpa da lei antiga,
Que está cheia d'alçapões.

E aquelles que os planetas
Muito bem conhecem logo,
E que medem dos cometas
A longa cauda de fogo?!
— E' porque a pitada cara
Lhes põe a vista tão clara,
Que são capazes de ver
A propria lua por dentro,
Dizendo que tem no centro
Homens, que fazem tremer.

Meninas, que amaes as modas,
Para em vós poder ter fé
Precisava ver em todas
Uma caixa de rapé.
— O rapé o sizo apura,
Dá realce á formosura,
Augmenta-lhe o seu condão...
Oh! quem me dera um bemsinho,

Que gostasse *d'esturrinho,*
Ou de *maselipatão!*

Escolher donzella rara
Vou, que me faça feliz;
Mas, antes de ver-lhe a cara
Heide olhar-lhe p'r'o nariz:
— Vendo signaes de tabaco,
Por ella dou o cavaco,
Não tenho mais que indagar,
E digo: — tu és um anjo!...
Anda cá... fazes-me arranjo...
Queres comigo casar?

Ella responde, de certo:
«Quero casar, sim senhor.»
Eu d'ella chego-me perto,
E dou-lhe um beijo d'amor
Mesmo no meio da *facha*...
Beijo não — a minha caixa
Lhe corro logo a offertar,
Dizendo: — eu sou o Silvestre...
Isto é *reserva de mestre*...
Faça favor d'aceitar!

Fungar rapé é meu fraco...
Mas o bom custa a pilhar,
Que o contracto do tabaco
Dá ao povo p'ra cheirar
Rapé com mofo e bafio,
Que faz até, desconfio,
Dor d'enxaqueca a alguem!...
E o conselho de saude,
Que vê se a sopa tem grude,
Do contracto medo tem.

Se vem um homem bondoso,
Com dó do nosso nariz,
Trazer-nos rapé famoso,
O contracto logo diz:
«'Stá preso! traz contrabando!»
Vae comnosco assim zombando...
Mas a culpa nossa é,
Que não fazemos *bernarda*
Contra quem bons contos guarda
Por vender podre rapé.

Mas agora, meus senhores,
Tenho uma coisa a dizer:

O maior dos massadores
Poderá desculpa obter?
Se póde, sou desculpado...
Mas p'ra ser bem castigado
D'hoje aqui vos enfadar
Com estes meus consoantes,
Tenho as pragas dos fumantes...
E tenho bem que aturar!

No album de uma senhora.

—

Senhora, pedis que escreva
No vosso album. . . fazeis mal;
Não sabeis que os versos meus
Não valem tres um real.

Por uma semsaboria
N'um album formoso assim,
E' como pôr uma nodoa
N'um vestido de setim.

Mas como agora ha receita
D'apagar o que se escreve,
Escreverei. . . mal de certo,
Mas, ao menos, serei breve.

Vejo que todas as bellas
Têem seu album de primor,
Onde inspirados poetas
Lhes dão bem justo louvor;

Mas eu, que em algumas coisas
Ando diverso dos mais,
Seguirei outro caminho
N'este album, que me mandaes.

Dir-vos-hei, minha senhora,
Que não deis credito a vates,
Que mostrar amor a todas
Juraram aos seus penates;

E sempre co'as mesmas phrases,
Sempre o mesmo ramerrão,
Sempre a mesma cantilena
A que elles chamam canção;

Sempre *auroras matutinas,*
Sempre *brizas,* e mais *brizas,*
E outras coisas mais antigas
Que a invenção das camizas.

Das mil promessas dos vates
Não penseis que uma só valha,
Pois elles juram amores
Por dá cá aquella palha.

Por milagre não enganam
No seu estylo amoroso;
Creio mesmo que synonymos
São — poeta e mentiroso.

Um diz que se abrasa em chammas
O seu coração *singello*:
Peta — tem o coração
Como um pedaço de gêlo.

Outro diz: «por ti, *deidade*
«Passei o dia a chorar!»
Mente — esteve no *Marrare*
Sempre agarrado ao bilhar.

Este: «*amor!* sonhei comtigo
«Até ás horas do almoço!»
Historia — veio *pesado*,
Dormiu como pedra em poço.

Aquelle: «*formoso encanto,*
«Só a ti jurei amar!
«Só teus olhos têem imperio
«De meu peito captivar!»

Mas a lista das amantes
De certo que maior é
Que a do recenseamento
Da freguezia da Sé!

Acreditae-me, senhora,
Não sou vate, não menti;
Desculpae se estas verdades
Não são proprias para aqui.

Estou certo que direis:
«Nunca vi má lingua egual!
«Senão pecca em mentiroso,
«Pecca bem por dizer mal!»

Vède se d'este defeito
Vós me podeis corrigir;
Ensinae a estar calado
A quem não sabe mentir.

Amostras de poesia.

NO ALBUM DE UMA SENHORA.

—

Senhora, se acaso eu tivesse a ventura,
A grande ventura de vos conhecer,
Talvez eu podesse com penna segura
Meus pobres versinhos aqui escrever.

Não sei em que tom soltar deva meu canto
P'ra ter a fortuna d'aqui agradar;
Não sei se amaes versos, que geram o pranto,
Ou versos, que o riso só querem lembrar.

Não sei. . . e por isso me vejo n'est'hora
Confuso, scismando co'a penna na mão,
Sem ter uma idéa. . . Cá veio uma agora:
— Vou dar uma amostra de cada canção.

Que grande lembrança !. . . só d'esta maneira
Com vossos desejos eu posso acertar:
Eu, dando as amostras, não tenho canceira,
Vós nunca direis que vos quiz enfadar.

Amostra de versos
Com dôres sem fim,
Que fazem chorar,
Mas menos a mim.

Vivo triste, e sem conforto,
De dia e noite a chorar
Os tormentos, que uma ingrata
Me tem feito supportar !
Eu amava-a como um louco. . .
E de tanto extremo em troco
Ella deu-me ingratidão !. . .
Envenenou-me a existencia
A cruel D. Vicencia
Ambrosia da Conceição !

Amostra de versos
De tragico fim,
Que assustam a muitos,
Mas menos a mim.

Perversa! que assim zombaste
D'um leal, ardente amor!...
Vae punir tão negra audacia
Este punhal vingador!...
Prepara-te, fementida,
Para perder essa vida,
Que matou meu coração,
Transtornando-me a cabeça!...
Impia! faze a toda a pressa
O acto de contrição!

Amostra de versos
De mimo sem fim,
Que agradam a muitos,
Mas menos a mim.

Quero ter no meu jardim
Rosinhas d'alto primor
P'ra compôr um ramalhete,
E offertal-o ao meu amor...

Meu amor adora a rosa,
E toda a flor, que mimosa,
No jardim se vê brilhar,
Derramando doce cheiro...
Vou metter-me a jardineiro
Para a meu bem agradar.

Amostra de versos
Com que os trovadores
Accendem as bellas
Em ternos amores.

Quando pela vez primeira
Teus formosos olhos vi,
Fiquei tão louco, e perdido,
Que nem sei o que senti !...
Era o deus menino lindo,
Que em pessoa tinha vindo
Habitar meu coração !..
Festejei este inquilino,
E fiz tanto desatino
Que até levei cachação !

Amostra de versos,
Que são meu prazer...

Mas tenho a desgraça
De mal os fazer!

Meninas, tomem cuidado,
Não se fiem nas promessas
De janota almiscarado,
Que nas ruas e travessas
Anda sempre impretigado.

A muito sérias donzellas
Com promessas enganar,
E' d'estas almas tão bellas
O constante trabalhar,
E depois riem-se d'ellas.

N'essas lojas de bebidas,
Rodeados de fumantes,
Desenrolam mui compridas
Listas das suas amantes,
Verdadeiras ou fingidas;

Mostram as cartas d'amores
Em momentos de folia,
E, fazendo de doutores,

Censuram-lhe a orthographia,
Em que não são professores.

Acreditae-me, donzellas,
Que não sou enganador;
Se descubro estas mazellas
E' por ser espectador
De muitas, e muitas d'ellas.

Senhora, eis amostras d'estylos diversos;
Se um só não agrada de taes versos meus,
Buscae altos vates pomposos nos versos,
Pois elles não faltam, por graça de Deus.

O baile dos pretos.

—

Eu, que a bailes não vou, bailes não amo,
Pois me sabem causar bem cruel tedio;
Que d'elles fujo sempre como um gamo,
Pois uso p'ra dormir d'outro remedio;
Eu, que, ouvindo dançar, ás vezes bramo,
Temendo venha abaixo todo um predio,
Buscando assumpto para alguns sonetos,
Hontem fui ver um baile — mas de pretos.

*

Se alguem me perguntar se da catinga
Eu pude supportar o cruel cheiro,
Direi que de maus cheiros bem se vinga
Quem, por grande ventura, é tabaqueiro;
Direi que tenho visto muito *pinga*,
Que, quando quer metter-se a paroleiro,
Deita sempre a toleima um cheirosinho
Peior que o da catinga d'um *paisinho*.

Ao baile dos pretinhos dei apreço,
Atrevo-me a dizel-o, com verdade,
Pois n'aquella funcção achei, confesso,
Muito chiste, ratice, e novidade;
Por isso me dedico, em verso *gueço*,
A descrever a grande sociedade
D'aquelles *paes Franciscos* caiadores,
Mettidos a fidalgos, e senhores.

Oito horas e meia annunciava
O sino d'uma torre alli visinha,
Quando no *grande* baile, alegre, entrava
De Congo a *poderosa*, alta rainha,
Que por unico trem apresentava
Uma sege de verde bandeirinha;
Mas, p'ra que o regio brilho em nada affrouxe,
Esta sege alcançava honras de coche.

Correm logo com toda a ligeireza
Os *fidalgos,* trajando alegres fatos,
A receber aquella *mãe Thereza,*
Rainha de pretinhos e mulatos;
Rainha, a quem a madre natureza
Co'o mais preto tingiu pós de sapatos,
E o nariz d'um tamanho desmarcado
Tornou enormemente esborrachado.

Alli se vêem Duques e Marquezes
Da mais alta nobreza assignalada,
Fazendo cortezias muitas vezes
A'quella magestade mascarrada;
Barões, que, parecendo d'entremezes,
D'elles por tubas cem a fama brada,
Mas que, fazendo alli nobre papel,
Vão depois *caiandar* com seu pincel.

Duas *formosas* damas, que mostravam
Pertencer á mais alta jerarchia,
A famosa rainha acompanhavam,
Que em actos tão solemnes se não ria;
Estas duas *bellezas,* que ostentavam
Carinha d'azeviche luzedia,
Chamavam-se, uma Rosa, e outra Annica,
Vendiam ambas ellas fava-rica.

Seguida d'um cortejo *bem* trajado,
Chega a fusca rainha á regia sala,
O seu procurador levando ao lado,
Preto edoso, vestido em grande gala;
Mas que, por ser toireiro assignalado
De quem sempre o programma em verso falla,
Entre os paus de bons toiros embolados
Os queixos tem sentido amarrotados.

Sobe a rainha ao throno; e de repente
A musica, *afinado,* um hymno toca,
E toda aquella fusca e negra gente
Quasi que d'alegria se vê louca;
Depois começa a dança mui contente,
Onde brancos tambem (alguns com *touca*
Co'as engraçadas filhas de Guiné,
Dançando sem pudor, fazem *banzé.*

Nas voltas d'esta dança, que se acerta
Ao compasso da musica *afinada,*
O branco da pretinha a mão aperta,
E lhe beija a carinha enfarruscada;
Ella aceita, gostosa, a doce offerta,
E sente-se em amor toda inflammada;
Porém certo *paisinho,* que a namora,
Diz ao branco: «*canaia!* passa fóra!»

O *grande* beijamão então começa,
E toda a fidalguia côr d'amora
Com respeito sem par curva a cabeça,
Vae beijar a mão regia; sem demora
A ceremonia finda; e então se apressa
Essa gente a quem nunca o rosto cora,
E á negra magestade graças pede,
A qual, de bom humor, tudo concede.

Depois se entoam vivas repetidos
A' famosa rainha sublimada;
Grita, berra, faz grandes alaridos
Esta innocente côrte enthusiasmada;
E, para mais dar cabo dos ouvidos,
Tambem a branca gente alegre brada,
E n'um alto vivorio muito longo
Faz troça á magestede lá do Congo.

Vi no baile primor o mais subido,
Vi rostos de pau santo mui galantes;
Se disser que d'alguns eu fui rendido,
Meu leitor estimavel, não te espantes;
Vi dentes d'alvo jaspe bem polido
N'aquellas divindades elegantes
A quem ninguem o peito captivou,
Se, acaso, um só espirro lhe escapou.

Alli achei derriços; vi pretinhas,
Que, com seus ternos olhos seductores,
Em janotas de crespas carapinhas
Accendiam, sem custo, mil ardores;
Ouvi d'elles e d'ellas as gracinhas,
Que expressavam os mais doces amores
D'aquelles corações, que na folgança,
Por causa do *marufo*, nenhum cança.

Não houve n'este baile chá nem bolos,
Que se offertasse á bella companhia;
Para aquecer as tripas e os miolos,
Apenas, *mata-ratos* se bebia;
Na cozinha, sentada n'uns tijolos,
Uma preta vendia alcomonia,
E regalava a muitos patuscões
Com seus apimentados mexilhões.

Aquella fidalguia improvisada,
Que, vaidosa, ostentava alta nobreza,
E' devéras civil, e bem creada...
Tomára eu assim toda a portugueza!
Os brancos tratar bem muito lhe agrada,
Mas estes, que na entrada têem despeza,
Vão coartar a alegria ao negro povo
Co'uma troça infernal — que não approvo.

Eis o baile dos pretos, e das pretas:
Talvez que o meu *poema* seja fraco,
Pois pertence este assumpto a bons poetas
A quem o deus Apollo inspira o caco;
Eu que, apenas, quiz ser *cantor de petas*
Se a algum pretinho fiz dar o cavaco
Vou pedir-lhe perdão, dizendo, franco,
Que um preto para mim é como um branco.

N'um album

—

Mimoso album, queres versos?
«Quero sim — e versos teus.»
Oh, album, que me pedíste!
Ai, Jesus!... Valha-me Deus!

Demais... ser eu o primeiro
Poeta semsaborão,
Que heide ter o atrevimento
D'estampar-te uma canção!...

E' muito! *c'est trop*!... mas vá...
Saia lá o que sair...
Comporei alguns versinhos,
Que não façam affligir.

Vou escrever-te uma historia
D'um album d'alto primor,
Todo cheio de poesias,
Qual d'ellas de mais valor;

Porém todas de tristezas,
De saudade, lucto e magua...
De sorte que quem as lia
Arrasava os olhos d'agua.

Girou este album formoso
Por mãos de lindas donzellas,
Amargos e tristes prantos
Arrancando a todas ellas.

O album — segundo dizem —
Muitissimas folhas tinha;
Pois fez derramar mais lagrimas
Que lettras em si continha;

Até que vindo parar
A's mãos de certa senhora,
Que em fazer chistosos versos
Era eximia professora,

Esta lhe escreveu assim:
«Reina aqui do pranto o imperio!...
«E' mais triste abrir este album
«Do que entrar n'um cemiterio!»

A historia, que aqui te escrevo,
Contou-m'a um Bento de Soisa;
Se não presta, tem paciencia,
Que não me lembra outra coisa.

FIM

INDICE

—

	PAG.
Cavaco ao leitor	3
Sonetos	5 a 48
Coisas com que eu embirro	49
Coisas de que eu gosto	53
Ao soldado	57
Ao meu amigo José Ferreira Chaves	60
A guitarra e a lyra	65
Tocar desafinado	69
Retrato do janota	72
Uma mania como qualquer outra	77
Ao meu amigo Alfredo d'Oliveira Pires	83
Delirio e vingança	88
Tristezas gordas	94
Os brutos sabios	98
As settas de Cupido	103
Não tenho lyra	108
Um velho de bom gosto	113
Mote — Das frias campas surgindo	120
Um veterano das campanhas da praça do Salitre	123
O mundo anda torto	128
Quem me dera ser pintor	131
Uma loja de barbeiro ao sabbado	136
A queda do Neptuno do Loreto	143
Aquillo é que são olhos!	147
A Marilia	149
Mote — Faz annos D. Narcisa	154
» — Este mundo é todo engano	157
» — Este mundo está mudado	160

Pieguices. 163
Amor e nigromancia. 168
Dores e amores 175
No album do meu amigo José Rodrigues . . . 181
A sorte de Hespanha. 188
Quero e não quero casar 193
Um passeio ás hortas. 198
Uma pura verdade. 206
Que farei ? 209
Será verdade? 215
Quem me dera ser poeta !. 219
Um papa rapé. 224
No album de uma senhora. 232
Amostras de poesia. 237
O baile dos pretos 243
N'um album. 250

ERRATAS ESSENCIAES

Pagina 21, linha 13, onde se lê voz, leia-se luz.
» 65, linha 4, onde se lê Conto, leia-se Couto.
» 206, linha 11, onde se lê estranhar, leia-se estanhar.

JUN 3 1934

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 327 513 1